

# Tribuna da Luta Operária

ANO VIII - Nº 292 - DE 24 A 30 DE NOVEMBRO DE 1986 Cz\$ 2,50

# POVO VOTA POR MAIS MUDANÇAS

A derrota dos direitistas e conservadores, do Oiapoque ao Chuí, confirma que uma forte opinião pública mudancista se fortaleceu no Brasil. Pág. 3

EDITORIAL

## A vontade do povo

Encerrou-se no dia 15 uma batalha política de envergadura. O pleito demonstrou, mais uma vez, que é muito mais forte a opinião pública em favor de mudanças mais profundas no país. Isto ficou patente nas eleições dos governadores onde houve uma forte polarização entre as correntes democráticas e os conservadores e reacionários. O sentimento popular se manifestou numa avalanche de votos que levou na enxurrada velhas oligarquias encasteladas há muito tempo no poder, assim como representantes do populismo que tentavam ludibriar o povo com uma falsa linguagem de esquerda. Neste nível ocorreu nitidamente uma continuidade da luta das diretas, para acertar as contas com os herdeiros da ditadura.

Mas nota-se também que, nas eleições para a Constituinte, as massas enfrentaram dificuldades para traduzir, com a mesma intensidade que na disputa de governadores, a sua vontade de mudanças. O horário de TV foi monopolizado pelos candidatos majoritários. A Justiça Eleitoral tumultuou o processo eleitoral, fazendo por sua própria conta um conjunto de regras confusas e restritivas, que dificultaram o esclarecimento do cidadão comum sobre os candidatos a deputado e até sobre a eleição dos senadores, principalmente onde havia muitos candidatos e onde foram utilizadas as sublegendas. A confusão no meio do povo resultou em uma enorme quantidade de votos em branco. Com isto saíram beneficiados os representantes das classes dominantes, que tiveram maiores chances para fazer valer o peso de seus currais eleitorais e para empregar, em grande escala, o poder econômico para corromper consciências e comprar votos.

De qualquer modo o vento mudancista vai arejar a Constituinte. O PMDB aumentou em muito a sua representação

parlamentar. O PDS sai estropeado, com uma imensa redução de seus deputados. O PDT também saiu chamuscado. A bancada comunista, apesar do insucesso em São Paulo, deve sair fortalecida. E é bom lembrar também que o quadro político da Constituinte não fica cristalizado com a eleição dos deputados e senadores. A elaboração da Carta Magna vai ser acompanhada de perto pelo movimento popular e pelas correntes democráticas. Haverá uma intensa disputa política, com o povo pressionando em favor das transformações progressistas, para dar continuidade à derrota da direita e à liquidação da herança reacionária dos 21 anos de regime militar.

Existem alguns que, diante das dificuldades encontradas, insinuam que eleição é um tipo de luta que não interessa ao povo. O próprio resultado geral desta eleição desmente categoricamente tal pensamento. Embora num terreno adverso, tal atividade é indispensável, como regra geral, para elevar o nível de consciência e de organização política das massas trabalhadoras. Quem fica de fora neste processo, desvia-se do curso político e confina-se ao isolamento.

A campanha eleitoral e as eleições propriamente ditas constituem uma forma específica de luta, com suas particularidades e leis próprias. Ter uma política correta é questão chave. Mas isto para resultar em vitória deve combinar-se com uma campanha acertada e com bons candidatos. Mesmo assim o jogo é difícil pois as regras são feitas pela burguesia e obviamente favorecem seus partidos e candidatos.

É hora de fazer um balanço cuidadoso da batalha travada. Mas sobretudo é hora de transformar o sentimento de mudanças manifestado nas urnas em uma Constituinte que atenda aos reclamos do povo e da nação.



Quércia virou o jogo graças ao apoio da periferia

## Quércia foi eleito pelo povo pobre

Pesquisa nas urnas da capital paulista comprova: os bairros ricos votaram em Ermírio, os pobres em Quércia. Página 3

## A Albânia mantém sua cor vermelha

O presidente do PC do B, João Amazonas, relata o que viu no país das águas durante o 9º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia. Leia na página 2



João Amazonas com Ramiz Alia, do PTA



Jandira: em sua primeira eleição, a mais votada

## PC do B do Rio estoura nas urnas

Comunistas fluminenses elegem o mais votado para a Assembléia (Jandira Feghali) e levam o operário Edmilson Valentim à Constituinte. Pág. 8

## Oligarquias do Nordeste mordem

## o pó da derrota

O voto progressista ganhou por goleada na Bahia, Ceará, Pernambuco e Maranhão, venceu também em Sergipe, Alagoas, Paraíba e também está à frente nas apurações no Piauí e Rio Grande do Norte, abalando poderosos caciques da direita como o ministro Antônio Carlos Magalhães. Págs. 3 e 4

CDM  
Centro de Estudos e Pesquisas  
Fundação Antônio Carlos Magalhães

# “Encontrei a Albânia mais bela e unida”

“Encontrei a Albânia mais bela, unida e decidida a continuar a obra de Enver Hoxha”, afirmou o presidente nacional do PC do B, João Amazonas, ao regressar de Tirana, onde participou do 9º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, PTA. Amazonas contou à *Tribuna Operária* como foi o congresso dos comunistas albaneses.

**T.O.:** Esse foi o primeiro congresso do PTA sem a presença de Enver Hoxha. Como se desenvolveram os trabalhos?  
**Amazonas:** O 9º Congresso do

PTA foi um acontecimento de enorme importância para a Albânia e para os trabalhadores e povos oprimidos do mundo. Ele discutiu a orientação política para

continuar a construção do socialismo na Albânia e a orientação geral da Albânia em relação aos demais países. Aproveitou também o plano econômico quinquenal. O principal informante foi Ramiz Alia, eleito por unanimidade primeiro secretário do partido. É uma das figuras mais destacadas da Albânia de hoje. Adil Çarçani fez o informe sobre o novo plano quinquenal.

Participaram do congresso mais de 1.500 delegados - o dobro do congresso anterior - de todas as regiões do país. Demonstraram grande confiança na construção de uma nova vida, apoiados nas próprias forças. O congresso refletiu a poderosa unidade do partido e do povo. Foi de grande otimismo revolucionário e abriu horizontes ainda mais amplos para o desenvolvimento da Albânia. O comício de encerramento dos trabalhos reuniu mais de 150 mil pessoas na principal praça de Tirana. Houve uma amplíssima cobertura pelo rádio e tevê dos trabalhos do congresso, e o acontecimento foi divulgado em quase todas as cidades europeias.

A presença política de Enver Hoxha - falecido no ano passado - foi permanente. Os albaneses consideram que o país segue o caminho traçado pelo seu maior e mais respeitado dirigente. Estavam presentes representantes de organizações marxistas-leninistas de 15 países e vários convidados - entre os quais o presidente do Congresso Pan-Africano e um deputado da Tanzânia, diretor do principal jornal daquele país.

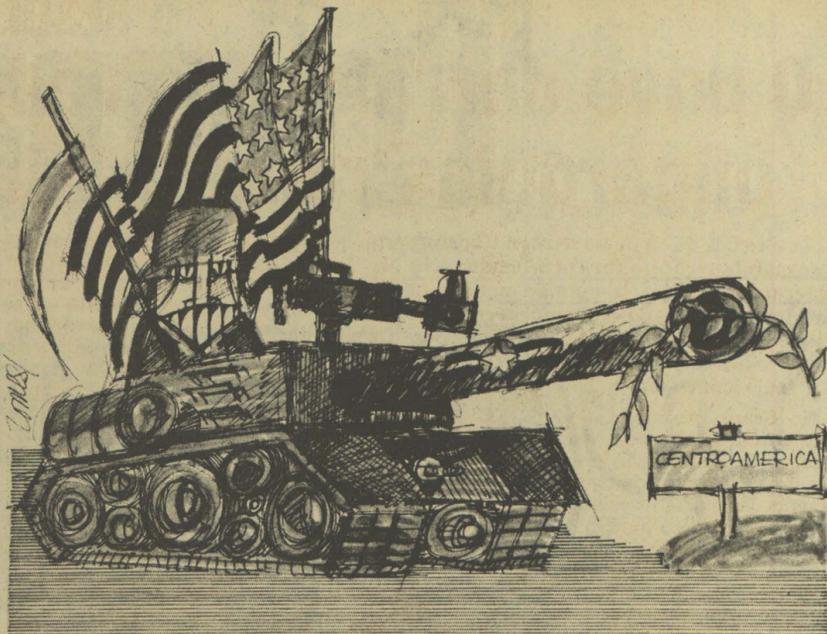
**T.O.:** E como está a Albânia?  
**Amazonas:** Fiquei um período relativamente pequeno no país, pois as tarefas da campanha eleitoral aqui no Brasil ocuparam muito minha atenção. Mas encontrei a Albânia mais bela, unida e decidida a continuar a obra de Enver Hoxha. As metas do novo plano quinquenal são efetivamente audaciosas. Planejou-se o crescimento em todos os setores - econômico, social, cultural. O congresso aprovou levar água potável encanada a absolutamente todas as aldeias do país anteriormente, foi levada a luz elétrica, o que significa um benefício importante para a população interiorana.

Na capital, Tirana, nota-se com muita evidência o melhoramento das condições de vida. As pessoas se vestem bem, num clima alegre. Uma vida sem tensões maiores. Os albaneses são muito cordiais, fraternais. Vi a exposição “Albânia Hoje”, onde se revela o real progresso em todos os aspectos da vida do país. Desde a construção de máquinas aperfeiçoadas (como sondas para petróleo) até o avanço da indústria farmacêutica. Aumentou muito, também o número de países com os quais a Albânia mantém relações comerciais.

**T.O.:** Depois da Nova República, as relações do Brasil com a Albânia estão sendo normalizadas...  
**Amazonas:** O povo albanês tem grande interesse pelo Brasil. O restabelecimento das relações repercutiu bem. A Albânia está tomando medidas para regularizar as relações diplomáticas e comerciais. As coisas do Brasil são muito admiradas lá. Na Copa do Mundo, o Brasil é referência - e os albaneses torcem por nossa seleção, conhecem nossos principais jogadores. E depois do sucesso da novela “Escrava Isaura”, eles querem conhecer mais da nossa televisão.

**T.O.:** O que o senhor mais destaca do que viu nessa sua viagem à Albânia?  
**Amazonas:** A mensagem de nosso partido, o PC do B, ao congresso do PTA salientou que, após a morte de Enver Hoxha, a Albânia não sofreu nenhuma solução de continuidade na construção do socialismo, na orientação de sua política. Nos países revisionistas, quando morre um dirigente muda-se os rumos e a política. Isso revela que se trata de uma política de camarilhas. Não há continuidade da obra...

A Albânia sentiu profundamente a morte de Enver Hoxha. Ele era a maior figura da história do país em todos os tempos. Mas a Albânia continua seguindo os rumos traçados por Enver Hoxha, o caminho do progresso, do avanço social. Creio que é um mérito a mais de Enver Hoxha: ele soube preparar o povo albanês, os quadros dirigentes, para conduzir uma obra vitoriosa, apesar da pressão e do cerco imperialista.



## Tribunal popular condena terrorismo dos EUA

Os Tribunais Populares Anti-Somozistas (TPA) condenaram, no último dia 15, o mercenário norte-americano, Eugene Hasenfus, a 30 anos de prisão, pena máxima na Nicarágua. Hasenfus - único sobrevivente de um avião que transportava armas para os contra-revolucionários derribado pelo exército sandinista em território nicaraguense - foi considerado culpado de terrorismo, associação ilícita e violação da ordem pública e da segurança nacional, após 25 dias de julgamento pelos TPA.

As principais peças de acusação foram as próprias confissões do mercenário a funcionários sandinistas e em entrevistas à imprensa norte-americana, além das 15 toneladas de armas e suprimentos que se encontravam no avião abatido no dia 5 de outubro.

Por três mil dólares mensais, Hasenfus afirmou ter realizado outros dez voos de abastecimento de armas para os “contras”, partindo de bases aéreas de El Salvador e Honduras. Ex-marine, Hasenfus oficialmente trabalhava para a Corporate Air Services que, segundo ele afirmou, está ligada à CIA, mas ao ser preso após a derrubada do avião, portava uma credencial de assessor militar dos EUA, lotado na base de Ilopango, em El Salvador.

As declarações do merce-

nário norte-americano permitiram ao governo sandinista desvendar uma rede de apoio secreto aos “contras”, que envolvia desde o vice-presidente George Bush e a CIA, o sub-secretário de Estado para assuntos interamericanos Elliot Abrams, o assessor do Conselho de Segurança dos EUA Oliver North e exilados cubanos com extensa folha de atentados terroristas em várias partes do mundo, além de militares salvadorenhos.

Diante das confissões de Hasenfus e das informações adicionais da imprensa norte-americana revelando detalhes e novos nomes de funcionários da administração Reagan envolvidos no tráfico de armas para os contras, o ex-procurador geral dos EUA, Griffin Bell, que assessorou a defesa do mercenário, admitiu, dez dias antes da sentença dos TPA, que seu cliente seria “obviamente condenado, afinal ele não caiu do céu, estava a bordo de um avião que transportava armas”.

O senador democrata John Kerry, em um relatório baseado no depoimento de mais de 50 testemunhas, e divulgado no dia 15 de outubro, afirmou: “As fontes mencionam uma rede de contas bancárias, aeroportos, aviões, pilotos e bases que têm sido utilizados em comum por contrabandistas de armas, traficantes de drogas, contras rebeldes e orga-

nizações que ajudam os contras”, acrescentando que “a rede privada foi estabelecida pelo coronel Oliver North”.

Hasenfus não negou as acusações que lhe foram feitas - e nem tinha muitos argumentos, pois foi pego com a mão nas armas -, além de ter demonstrado que tinha conhecimento de que estava participando de uma operação secreta e terrorista para desestabilizar um governo. Para o governo sandinista, no entanto, os tribunais populares condenaram “não o cidadão Hasenfus, mas a política irracional e injusta da administração Reagan”.

Um dia após ser promulgada a sentença de 30 anos ao mercenário norte-americano, o cardeal Miguel Obando e Bravo pediu ao governo sandinista a anistia ao acusado, afirmando ter “a crença de que todas essas coisas contribuem para que a família humana permaneça mais unida”. Don Obando, que há tempos vem propondo a “reconciliação” e o “diálogo” com os contra-revolucionários que há cinco anos tentam derrubar o governo sandinista, nunca proferiu uma palavra de condenação aos contras, mesmo quando eles praticaram massacres de civis, com armas transportadas por mercenários como Hasenfus que contribuem para o prolongamento de uma guerra que já custou a vida de 15.000 nicaraguenses.

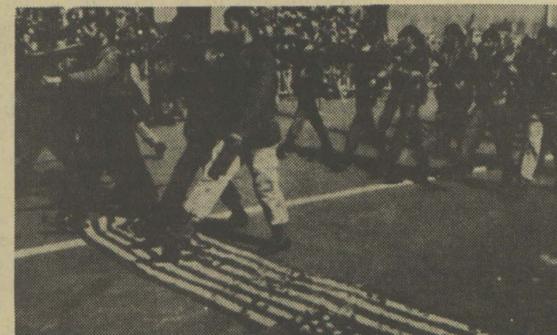
## As negociatas secretas de Reagan

“Jamais negociamos com terroristas e não o faremos”. Enquanto o presidente Ronald Reagan fazia esta retumbante proclamação, a imprensa norte-americana revelava um acordo secreto acertado entre enviados do presidente e representantes do Irã - apontado por Washington como um dos “centros do terrorismo internacional” -, pelo qual vários carregamentos de armas norte-americanas foram enviados a Teerã no último ano e meio.

Logo que começaram a surgir as denúncias na *Washington Post*, há duas semanas, a Casa Branca apressou-se em desmentir qualquer venda de armas ao Irã, aventando a possibilidade de se tratar de uma operação de contrabando. Mas a imprensa tinha evidências irrefutáveis. Na verdade, tratou-se de uma operação dirigida diretamente do gabinete presidencial, tão secreta que nem mesmo parte do governo, o Pentágono, a CIA e o FBI, sabiam de sua existência. Foi exatamente o “excesso de sigilo” que permitiu que “brilhantes” investigadores “interceptassem” a operação, fazendo vir à tona o envolvimento da Casa Branca.

### MAUS LENÇÓIS

Segundo se revelou, os primeiros contatos diretos com os iranianos foram feitos em junho de 1985 pelo então conselheiro para assuntos de segurança de Reagan, Robert McFarlane.



Desfile militar sobre a bandeira norte-americana no Irã

Desde então, foram conduzidas por um destacado integrante do Conselho de Segurança Nacional, o coronel Oliver North, envolvido recentemente na organização de uma rede ilegal de apoio aos “contras” nicaraguenses.

Por esta época, o Conselho de Segurança Nacional fez circular na Casa Branca um memorando recomendando a reaproximação com facções iranianas. menos anti-americanas, que poderiam chegar ao poder com a morte de Khomeini e, caso os EUA não se adiantassem, poderiam ser atraídas para a órbita soviética - acredita-se que se trataria de setores ligados ao presidente do parlamento, Ali Akbar Hashemi Rafsanjani. A verdade é que desde então foram libertados três americanos mantidos como reféns no Líbano por milícias xiitas tidas como pró-iranianas.

A revelação causou considerável abalo no governo Reagan, interna e externamente. Ficou evidente o mau estar do secretário de Estado George Shultz, adversário da transação e mantido à parte de um assunto ligado à sua pasta, e agora tido como demissionário pelos principais jornais. Reagan, que enfrenta a oposição da imprensa e da opinião pública, fica também em maus lençóis junto aos aliados europeus. Afinal, há um mês os EUA criticaram duramente a Comunidade Econômica Europeia por não ter se somado à Inglaterra no rompimento diplomático com a Síria, acusada de organizar atentados terroristas na Europa, atacando particularmente a França, que estaria na época negociando a intermediação síria para a libertação de reféns franceses no Líbano... (SQ)



João Amazonas com Adil Çarçani, presidente do Conselho de Ministros

## Passos seguros

Esta é a íntegra da mensagem do PC do B lida por João Amazonas no 9º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia:

Queridos camaradas delegados,

O Partido Comunista do Brasil saúda fraternal e calorosamente o vosso Congresso, novo e importante elo no processo de construção do socialismo na Albânia. Sob a eficiente direção do camarada Ramiz Alia, fiel seguidor da obra de Enver Hoxha, o PTA avança a passos seguros no caminho do comunismo, aspiração dos explorados e oprimidos de todo o mundo. Saudamos também com grande entusiasmo o jubileu do Partido do Trabalho da Albânia que completa neste 8 de novembro quarenta e cinco anos de existência. Organizador e incentivador das magníficas vitórias na luta de libertação e na edificação socialista, o partido de Enver conquistou o respeito e a admiração dos trabalhadores e dos povos.

Este é o primeiro Congresso do PTA desde a sua fundação que se realiza sem o camarada Enver. Mas sua presença moral e intelectual, revolucionária, é marcante. O 9º Congresso segue o caminho por ele traçado, apóia-se no seu pensamento teórico, na sua concepção avançada da construção do socialismo na Albânia. Ao contrário do que sucede nos países e partidos revisionistas, onde o desaparecimento dos principais dirigentes significa nova política, novos rumos, cada vez mais anti-socialistas, a Albânia, com a morte de Enver Hoxha, não sofreu nenhuma solução de continuidade na orientação fundamental que vinha adotando. O partido estreitou mais ainda suas fileiras, o povo mobilizou-se e prosseguiu confiante em sua marcha vitoriosa. Aos grandes méritos do camarada Enver, junta-se assim esse outro de enorme significação histórica - o de haver preparado o partido e os quadros para continuar a grandiosa obra de construção da sociedade comunista.

O 9º Congresso registra o avanço do povo albanês em suas múltiplas atividades. Cresceu a produção industrial, aumentou a produção agrícola apesar da inclemência do tempo, melhorou sensivelmente o nível de vida populacional, aperfeiçoou-se o atendimento das necessidades sociais, ampliou-se e aprofundou-se o trabalho cultural e científico. Este panorama da Albânia contrasta com a situação crítica do mundo capitalista onde impera o desemprego, a

pobreza de vastos setores da população, as tremendas injustiças sociais, onde se intensifica o consumo e o tráfico das drogas, onde a criminalidade cresce sem cessar, onde os vícios de uma sociedade corrompida estendem-se por toda parte. O capital financeiro submete os povos da maior parte do mundo a uma exploração jamais vista. Esse contraste ajuda os trabalhadores a compreender melhor a superioridade do sistema socialista e, portanto, a necessidade da revolução.

A realização do 9º Congresso coincide com o 45º aniversário do PTA. É uma longa e gloriosa caminhada. Sob sua orientação, a Albânia derrotou os piores inimigos e construiu uma nova vida de bem-estar e felicidade para todos. O PTA é um partido sábio, defensor intrínseco da invencível doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Sempre enfrentou corajosamente todas as manifestações oportunistas no movimento comunista mundial - o revisionismo soviético, o titismo, o maoísmo, o eurocomunismo. E se combateu firmemente o oportunismo de direita, manteve também apurada vigilância contra o oportunismo de “esquerda”, tão nocivo quanto o da direita. É um partido exemplar. Profundamente internacionalista, comprovado na luta de classes, constitui por isso mesmo o núcleo fundamental da unidade do movimento comunista. Assim reconhecem todos os verdadeiros marxistas-leninistas. Não há dúvida que a unidade tem por base o PTA. Sem o PTA ou contra o PTA, a unidade seria falsa, enganadora. Orgulhamo-nos de marchar unidos com o PTA, partido que dirige a construção do socialismo, que mantém bem alta a bandeira do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

O Partido Comunista do Brasil reafirma sua confiança inabalável no partido de Enver e de Ramiz Alia e faz os mais ardentes votos de novos e grandiosos êxitos em sua frutuosa atividade revolucionária.

Viva o 9º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia!

Viva o glorioso povo albanês!

Viva o 45º aniversário de fundação do PTA!

Viva a indestrutível amizade de combate do Partido Comunista do Brasil e do Partido do Trabalho da Albânia!

O RESULTADO DAS URNAS

O povo derrotou as velhas oligarquias reacionárias

As eleições de 15 de novembro transformaram-se numa vigorosa manifestação política pela democracia. Nas disputas para os governos estaduais, a opinião pública progressista enfrentou vitoriosamente o abuso do poder econômico e as absurdas restrições impostas pela Justiça à propaganda eleitoral. Foram derrotadas velhas oligarquias reacionárias, assim como os populistas que tentaram enganar o povo com manobras diversionistas.

No Ceará, mesmo unidos, os três coronéis não conseguiram escapar da condenação popular nas urnas. O fim do domínio dos grandes latifundiários abre uma nova perspectiva para a vida pública no Estado. Na Bahia também foi por água abaixo o tradicional curral eleitoral do grupo reacionário de Antônio Carlos Magalhães. Em Pernambuco nem mesmo a colaboração de Francisco Julião pôde salvar os usineiros diante da marcha democrática encabeçada pela candidatura Miguel Arraes. Caiu igualmente em Santa Catarina a fortaleza dos Bornhausen.

No Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul as forças democráticas se uniram e deram um basta à demagogia de Leonel Brizola. No sul o caudilho foi derrotado de braço com o PDS. A consciência democrática do povo fez fracassar a aritmética brizolista que esperava poder somar os votos obtidos pelo PDT e pelo PDS nas eleições de 1982.

Em São Paulo, o grande capital do grupo Votorantin, unido com

os fisiológicos do PTB, não conseguiu enganar a opinião pública. Da mesma forma o ex-governador trombadinha, Paulo Maluf, apesar de prometer até um lugar no céu aos eleitores, nada conseguiu. A candidatura de Quércia foi interpretada pelo povo como a única comprometida com as mudanças e venceu por mais de 1 milhão de votos de diferença sobre Antônio Ermírio.

DERROTA DO PATRÃO

Na quase totalidade dos Estados venceram os candidatos a governador apoiados pelos comunistas. O PC do B, por sua conduta firme mas flexível, cumpriu papel destacado para garantir o respaldo popular à frente democrática. Em São Paulo, nos momentos mais difíceis, foram os comunistas que apostaram e jogaram peso na candidatura de Quércia, interferindo em muito para a virada que se realizou.

Em Sergipe a oligarquia dos Albano Franco conseguiu se apoiar da legenda do PMDB, numa aliança espúria. As forças

mais avançadas do Estado, com os comunistas em coligação, souberam manobrar politicamente com acerto e lançaram uma candidatura vitoriosa pela legenda do PFL. Vê-se portanto que o povo não votou cegamente na legenda, mas escolheu quem se colocava ao lado do progresso.

Em Goiás a UDR foi buscar um nome que já esteve ligado aos movimentos nacionalistas para ver se ludibriava o eleitorado. Mas Mauro Borges e seus aliados reacionários sofreram uma decepção. Mais uma vez se comprovou que o povo está atento e procura com cautela o caminho da democracia. A candidatura de Henrique Santillo foi imbatível.

VITÓRIA DEMOCRÁTICA

Em plano nacional o pleito representou portanto uma vitória das forças democráticas e, em particular, dos comunistas. Formou-se um quadro de polarização entre os que se manifestavam por mudanças e os conservadores. E a opinião pública progressista é que decidiu com quem ficaria a vitória. A inversão das tendências eleitorais em São Paulo se processou exatamente quando Orestes Quércia partiu para uma campanha ligada diretamente ao povo, indo às portas de fábrica, exigindo a punição dos sonegadores, condenando a atividade do grande capital e das multinacionais. A partir daí o grande patrão Ermírio de Moraes e o reacionário Paulo Maluf ficaram na defensiva.

O pleito levou também a uma derrota fragorosa da indústria do anticomunismo. Quem se apresentou com esta bandeira foi repudiado nas urnas. No Ceará até a alta cúpula da Igreja condenou a utilização eleitoral do anticomunismo.

A CONSTITUINTE

No plano da Constituinte os resultados são ainda incompletos. Mas a complexidade do processo de votação e as intromissões indevidas da Justiça Eleitoral causaram uma confusão que prejudicou o voto das camadas mais humildes, e favoreceu o poder econômico, que tem os seus currais bem controlados. Muitos candidatos progressistas acabaram não conseguindo alcançar o coeficiente mínimo para se elegerem. Enquanto isto homens como Antônio Delfim Netto e Afif Domingos devem ter uma vaga garantida na elaboração da Carta Magna, às custas do dinheiro e dos lobbies de empresários do grande capital.

Em relação aos comunistas, já se pode notar que sua eleição encontrou mais facilidades onde o PC do B se apresentou coligado com outras legendas democráticas. De toda forma, os comunistas eleitos pela sigla do PC do B e outras legendas devem formar uma expressiva bancada constituinte. A grande exceção foi São Paulo, onde nenhum candidato comunista foi eleito. Tal fato merece uma análise mais apurada, quando todos os dados estiverem definidos. Em contrapartida, no Rio de Janeiro o PC do B obteve uma votação consagradoramente.

O país entra agora numa nova etapa, onde o povo vai lutar para fazer o resultado das urnas se converter numa Constituição progressista. O ano de 1987 pretende ser um período de grande agitação política.



Foto: Ailton S. Leite

Quércia em Ermelino Matarazzo, periferia, onde a vantagem sobre Ermírio foi de 40 votos para 18

Voto do 'povão' decidiu a vitória em São Paulo

A vitória suada e disputada de Orestes Quércia para o governo de São Paulo trouxe, entre muitas revelações, uma marca social bem nítida (veja a tabela). Os ricos descarregaram seus votos em Antônio Ermírio. Paulo Maluf teve votação mais indefinida, elevando-se um pouco nas áreas intermediárias. E os bairros pobres votaram maciçamente em Quércia.

Esta característica já se anunciava desde antes da eleição. Uma pesquisa pré-eleitoral realizada pela revista "Senhor", junto aos membros da poderosa entidade patronal Fiesp, dava maioria absoluta e folgada para Ermírio. Em segundo lugar, bem atrás, vinha Maluf. Quércia não tinha um só voto. O noticiário eleitoral da grande imprensa não se dignou a analisar esta vertente de classe da disputa eleitoral. Mesmo durante as apurações, essa imprensa só avalia outras características da votação, mais evidentes à primeira vista, como a supremacia de Quércia no interior e o desempenho relativamente melhor de Ermírio na capital.

No entanto, a distribuição dos votos para cada candidato pelas oito regiões sócio-econômicas homogêneas da capital paulista evidencia que os ricos votaram em Ermírio e os pobres em Quércia. Na fatia mais rica, este último aparece em terceiro lugar, perdendo para Ermírio e Maluf. A medida que se caminha para a periferia proletária da cidade, o quadro vai se invertendo, de forma quase incessante.

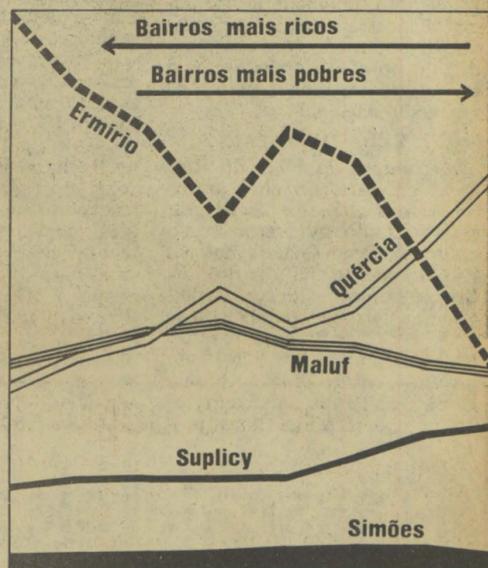
A virada acontece em Santo Amaro, maior colégio eleitoral e principal concentração industrial de São Paulo. Aí, Maluf, que apresenta ligeira melhora de desempenho nos bairros intermediários, começa a descer. Antônio Ermírio cai bruscamente, perdendo a supremacia. Nesta zona, a sete, ele é derrotado em três dos sete bairros. O golpe de misericórdia vem na zona oito, o extremo mais pobre da geopolítica social paulistana: Ermírio perde em nove dos dez bairros; em três deles passa para terceiro lugar, atrás de Maluf; enquanto Quércia conquista uma supremacia folgada, invertendo os resultados dos Jardins e outros bairros de luxo.

O PT também manifesta uma tendência a aumentar de votação nas áreas mais populares. A curva de Quércia, contudo, é bem mais acentuada. De um extremo ao outro, ele praticamente triplica seu desempenho.

O PREÇO DA VITÓRIA

Não há estudos sobre a votação nas diferentes camadas sociais de outras regiões paulistas - inclusive algumas, como Santo André, no ABC, e a Baixada Santista, que são centros operários importantes mas onde Ermírio levou dianteira. Porém a tendência da capital é tão nítida que possivelmente repetiu-se.

Este resultado, fruto de uma campanha que procurou as portas de fábrica e levantou bandeiras sentidas do povão, tem seu preço. O novo governador, no calor de uma batalha muito mais dura do que se previa, apelou para as massas e foi atendido. Ao vencer, gerou uma considerável expectativa nas esferas populares. Os compromissos de campanha, como o combate aos sabotadores do congelamento, a prioridade para o povo e não para os tubarões, a defesa de bandeiras operárias como a liberdade de greve, tudo isso será certamente cobrado. A massa de trabalhadores que votou em Quércia, ainda que não tenha a ilusão de ter chegado ao poder, conta no governo Estadual.



Nos bairros grifinos, os Jardins, Ermírio tirou quatro vezes mais votos que Quércia. Mas na periferia trabalhadora e sofrida aconteceu precisamente o contrário...

Bairro	Maluf	Ermírio	Suplicy	Quércia	Simões
<b>ZONA 1 (A MAIS RICA)</b>					
1. Jardim América	15,9	49,4	9,3	18,4	1,2
2. Indianópolis	20,7	53,5	7,3	13,1	2,0
3. Jardim Paulista	20,4	55,1	4,4	15,1	0,9
4. Perdizes	18,0	54,7	5,7	15,6	1,6
5. Pinheiros	16,5	49,5	9,2	18,0	1,6
6. Vila Madalena	17,3	52,8	6,4	16,9	1,5
7. Cambuci	21,1	44,9	7,3	18,6	1,7
<b>ZONA 2</b>					
8. Cerqueira César	20,1	55,1	6,7	16,0	1,2
9. Santa Cecília	17,2	53,2	6,8	16,5	1,3
10. Aclimação	20,2	44,1	8,0	19,0	1,5
11. Bela Vista	18,4	41,8	9,9	21,0	1,6
12. Liberdade	18,2	35,4	9,0	23,3	1,5
13. Alto da Moóca	24,7	34,4	8,9	18,6	1,7
<b>ZONA 3</b>					
14. Consolação	17,9	43,4	8,8	21,5	1,3
15. Vila Mariana	18,9	46,8	8,1	18,7	1,4
16. Bom Retiro	20,7	40,3	6,8	21,6	1,6
17. Belém	26,6	35,2	8,6	18,6	2,6
18. Ipiranga	21,0	35,3	10,7	21,3	2,2
<b>ZONA 4</b>					
19. Lapa	20,0	32,5	10,2	24,6	2,8
20. Barra Funda	23,3	39,3	7,5	19,9	2,3
21. Santa Efigênia	22,5	39,3	7,5	19,9	2,3
22. Moóca	26,2	31,0	7,4	25,6	1,8
23. Pari*	-	-	-	-	-
24. Sé	17,4	31,1	10,0	25,6	1,8
25. Brás	24,2	30,2	7,3	25,6	2,0
<b>ZONA 5</b>					
26. Ibirapuera	17,8	51,7	7,0	16,7	1,4
27. Saúde	17,4	41,9	9,9	20,9	2,1
28. Santana	23,8	39,8	5,4	18,4	2,2
29. Tatuapé	24,6	29,3	12,0	24,8	2,5
30. Butantã	16,5	39,6	9,2	25,3	1,4
<b>ZONA 6</b>					
31. Casa Verde	22,0	35,9	10,1	20,8	2,6
32. Penha de França	20,4	31,8	9,3	20,7	2,5
33. Tucuruvi	21,1	34,7	9,5	23,7	2,7
34. Vila Maria	23,3	32,0	9,3	23,7	2,3
35. Limão	21,2	33,4	11,4	22,1	2,3
36. Vila Formosa	21,5	33,1	11,6	22,3	2,5
37. Vila Matilde	17,2	27,5	10,8	25,7	2,6
38. Vila Guilherme	25,4	41,4	10,2	22,9	2,5
<b>ZONA 7</b>					
39. Santo Amaro	15,8	20,7	12,2	38,4	1,6
40. Jabaquara	18,7	35,3	10,9	24,2	1,8
41. Vila Prudente	14,3	22,3	20,8	29,1	2,4
42. Vila Jaguara	17,0	26,0	13,8	31,4	3,4
43. Freguesia do Ó	20,1	30,1	10,8	27,4	2,4
44. Pirituba	-	31,3	11,7	25,8	2,7
45. Cangaíba	-	29,2	7,2	23,8	2,8
<b>ZONA 8 (A MAIS POBRE)</b>					
46. Socorro	5,1	17,0	13,5	42,4	1,3
47. V. Nova Cachoeirinha	3,7	32,4	12,3	25,7	3,2
48. Ermelino Matarazzo	-	18,3	12,7	39,9	1,6
49. Itaquera	-	17,8	15,9	36,3	2,3
50. Perus	-	18,0	15,5	28,4	2,2
51. São Miguel Paulista	13,3	16,9	11,8	40,1	1,7
52. Brasilândia	19,8	20,0	13,0	32,4	2,3
53. Jaraguá	17,2	24,1	13,1	28,4	2,5
54. Guanabara	17,4	13,7	12,4	39,4	1,8
55. Paraisópolis	20,3	13,5	12,0	36,7	1,5

Fonte: resumos de urnas fornecidos pelo TRE, com base numa amostragem de 723 urnas totalizando 344 mil votos. Não foi possível obter amostragem suficiente sobre a votação no Rio



O voto progressista decidiu a eleição de governadores

Uma eleição complicada

A grande surpresa nestas eleições foi o voto em branco. Mesmo em São Paulo, apurados 58% dos votos para o Senado, eles eram cerca de 4 milhões, só perdendo para Mário Covas e Fernando Henrique. No Pará os votos em branco superaram a votação de todos os candidatos ao Senado. No Espírito Santo só o candidato Gérson Camata venceu o voto em branco.

Três fatores devem ter interferido neste resultado: Em primeiro lugar a complexidade da votação, aliada à pressão para que o eleitor permanecesse apenas um minuto na cabine eleitoral. A cédula era complicada e o número de candidatos muito grande. Onde houve sublegenda, a votação para o Senado era muito difícil. Acrescenta-se a isto que o analfabeto votava na mesma cédula que as pessoas alfabetizadas.

Em segundo lugar, a Justiça Eleitoral primou pela arbitrariedade. Com ordens absurdas do TSE contribuiu para tumultuar

o processo eleitoral. O cidadão comum se intimidou frente a tantas exigências e proibições, que muitas vezes eram logo revogadas. As ordens e contraordens em nada contribuíram para esclarecer o eleitor. E a confusão só favoreceu ao poder econômico, que controla currais eleitorais bem definidos.

Em terceiro lugar as classes dominantes trataram de restringir o debate aos candidatos ao governo estadual. O eleitor se viu diante de um número enorme de candidatos proporcionais, sem que tivesse oportunidade de ouvir suas propostas ou mesmo de guardar seus nomes.

Na cabine eleitoral ocorreu que o cidadão votava para governador e deixava o resto em branco. Os grandes partidos saíram beneficiados com isto e os pequenos tiveram prejuízo. Isto contribuiu também para favorecer o peso conservador na Constituinte.

Anticomunismo não deu resultado

Se a propaganda anticomunista foi uma das marcas desta campanha eleitoral, em São Paulo, Pernambuco, Ceará e praticamente todos os Estados o resultado pode ser considerado desastroso. Os candidatos a governador que se coligaram com os comunistas, principais alvos desses ataques, quase todos se elegeram, ou, no Piauí, Rio Grande do Norte e Amazonas, estão ainda disputando os votos na apuração. Em Sergipe, onde o PC do B coligou-se com o PFL, contra uma aliança bastarda PMDB-PDS, deu PFL...

O anticomunismo foi num crescendo até o dia da votação. Em Pernambuco, a candidatura de Múcio Monteiro, buscando a princípio aparecer como uma direita civilizada, nas últimas semanas baixou o nível de vez. Em São Paulo, no dia mesmo da eleição, Paulo Maluf cobriu mais

de oito páginas dos jornais de maior circulação do Estado com propaganda sua, pondo ênfase no slogan: "Hoje vote contra o comunismo". Porém as urnas sorriram a Quércia, enquanto o financiador dos anúncios de páginas inteiras ficava com um modesto terceiro lugar. Os candidatos ao Senado Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, atacados diariamente como filocomunistas pelo também candidato José Maria Marin, são hoje os brasileiros mais votados de todos os tempos, ao passo que Marin, com três vezes menos votos, disputa a terceira colocação com Hélio Bicudo, do PT.

Não se cogita que a direita tenha aprendido a lição e deixe de se utilizar do anticomunismo no futuro. Mas ficou evidente que o povo aprendeu, avançou e já não dá ouvidos à cantilena dos reacionários.

SÓ MALUF VAI DERROTAR QUÉRCIA.

**HOJE VOTE CONTRA O COMUNISMO**

**HOJE VOTE MALUF GOVERNADOR**

Anúncio de Maluf dia 15: inútil

**CDM**  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

## O RESULTADO DAS URNAS

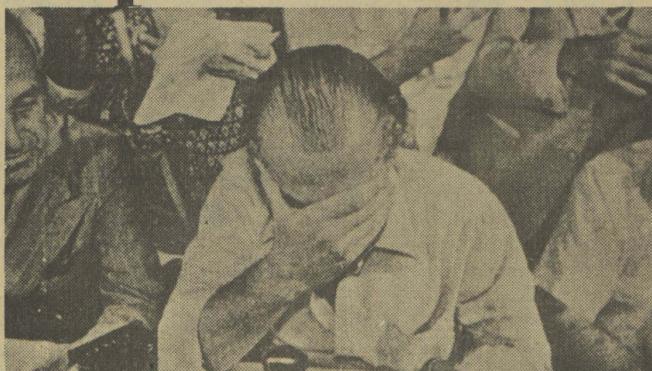
# Brizola, derrotado, não sabe mais para onde vai

Assim que as urnas foram abertas, o governador Leonel Brizola, do Rio de Janeiro, mergulhou no seu mais demorado silêncio desde a volta ao país em 1979. Quando falou, dois dias depois, foi para anunciar que desistira de se mudar para São Paulo - e não é para menos, pois saiu derrotado do Oiapoque ao Chui, com destaque para o Rio e o Rio Grande do Sul.

O PDT não elegeu um governador sequer, perdendo para Moreira Franco, do PMDB, a administração fluminense (ver pág.8). Sua bancada no Congresso Nacional, provavelmente com 22 deputados e dois senadores (um eleito em 1982 e outro agora), será inferior à que possuía antes de 15 de novembro. Mas o pior, para Brizola, é que este resultado desabou sobre suas esperanças apesar de uma estratégia eleitoral pragmática, baseada em alianças altamente suspeitas, inclusive com a direita e a extrema direita, no afã de transformar o brizolismo em uma corrente de expressão nacional.

## PELA DIREITA

A conduta do PTB no Rio, onde ele saiu sozinho contra todos, foi a exceção e não a regra, embora tanto num caso como noutro ele tenha se dado mal. No Rio Grande do Sul o partido de Brizola saiu coligado com o PDS e perdeu feio. No Paraná, aliou-se ao PFL de Ney Braga, com resultado pior ainda. Em São Paulo dividiu-se entre o apoio a Antonio Ermírio e a Paulo Maluf, derrotados por Quéricia. Em Minas apos-



O governador jogou em todos os Estados, sem muitos escrúpulos.

to em Itamar Franco, que se encontra em segundo lugar nas apurações, embora a pequena diferença ainda possa reservar surpresas. Em Sergipe, excepcionalmente, Brizola ficou com o PMDB, e também o PDS, mas para lançar uma candidatura dos conservadores, e como por ironia é ali o único Estado em que o candidato do PFL, com apoio dos setores progressistas, tomou a dianteira. Em Pernambuco o brizolismo, amassado com os usineiros e o PFL, amarga junto com eles a vitória de Arraes. Também no Piauí, no Pará e no Acre sua coligação foi com os peefelistas, resultando em derrota. Em Goiás idem, com o agravante da UDR ter apoiado abertamente a mesma candidatura da coligação que incluía o PDT.

A estratégia de Leonel Brizola consistia em consolidar-se, sozinho, no Rio de Janeiro; expandir-se, com ajuda do PDS, para o Rio Grande do Sul; e fincar cabeças-de-ponte nos demais Estados,

quase sempre com base no fustigamento do PMDB, considerado inimigo número um, mesmo que para isto fosse necessário andar de braços com os conservadores. Caso essa conduta tivesse surtido efeito, o plano do governador fluminense era transferir-se para São Paulo, cercado por uma auréola de vencedor, e empenhar-se pessoalmente na construção de uma base paulista para o brizolismo. Como meta final e quase obsessiva, aparecia a conquista da Presidência da República, em 1988 ou quando desse. Daí o fogo cerrado contra José Sarney e o Plano Cruzado.

Toda essa linha de ação agora cai por terra e está sendo revista em condições particularmente adversas. Mudar para São Paulo? Pareceria uma fuga do Rio. Ficar na Cidade Maravilhosa e chefiar a oposição a Moreira? Ou ir para Brasília e capitanear de lá a modesta bancada pedetista na Constituinte? Não são altamente entusiasmantes.

# Tasso Jereissati põe fim ao reinado dos coronéis no Ceará

O resultado eleitoral no Ceará não pode ser visto como de simples eleições para a troca de governadores. Trata-se, na verdade, de uma luta de dimensões históricas para o Estado, de uma batalha plebiscitária. De um lado as forças mais retrógradas, as oligarquias representativas principalmente dos latifundiários. De outro, se uniram as forças democráticas e progressistas, refletindo o sentimento de mudanças do povo.

A vitória estrondosa do candi-

dato Tasso Jereissati, do movimento pró-mudanças (PMDB-PC do B-PDC-PCB), com cerca de 60% dos votos válidos, significa a derrota do coronelismo que dominava o Estado há décadas. Também representa a abertura de um espaço democrático para que o povo fortaleça sua participação, sua organização e impulsiona as transformações tão desejadas pelos cearenses.

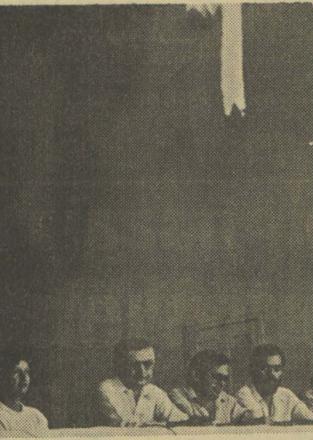
Neste quadro, aquelas forças que se dizem progressistas, mas se

recusaram a perceber o caráter da batalha, ficaram na contra-mão e amargaram grandes derrotas. Este é o caso do PT, que há apenas um ano atrás obteve vitória para a prefeitura de Fortaleza e agora chora sua baixíssima votação, de aproximadamente 3% dos votos.

## CONSTITUINTE

Já a eleição dos deputados constituintes não apresentou o mesmo resultado positivo. Lamentavelmente, a polarização na disputa pelo governo estadual deixou em plano secundário o debate sobre as propostas políticas para a Constituinte. Isto inclusive gerou o berrante quadro de mais de 30% de votos em branco, calculando-se que estes poderão atingir a elevada cifra de 600 mil votos.

Este fato, somado à lentidão das apurações, dificulta por enquanto a definição da composição provável das bancadas federal e estadual. Mas já dá para concluir que esta secundarização do debate constituinte favorecerá os candidatos donos de currais eleitorais, clientelistas, resultando na formação de uma bancada de conteúdo conservador - o que não é nada condizente com o real desejo de mudanças do povo cearense. (da sucursal)



Tasso derrotou os coronéis inclusive nos seus currais eleitorais

# Fernando Collor de Mello promete governo com participação popular

Acabar com a corrupção e a impunidade, priorizar os problemas sociais e fazer um governo com efetiva participação da população. Estes são os principais compromissos assumidos por Fernando Collor de Mello, eleito governador de Alagoas pela coligação PMDB-PC do B-PTB, com expressiva vantagem sobre Guilherme Palmeira, candidato do PDS-PFL.

O candidato derrotado representava a oligarquia reacionária que comandava o poder estadual há cerca de 20 anos. Guilherme Palmeira, que também é vice-presidente nacional do PFL, juntamente com o ex-governador Divaldo Suruagy, foi derrotado nas urnas do interior e da capital.

Também a disputa para o Senado tende para uma vitória das forças democráticas. O PMDB já assegurou uma vaga no Senado, através de Teotônio Vilela Filho, que na campanha eleitoral comprometeu-se a seguir os passos do seu pai, o senador



Fernando Collor, carregado pelo povo, é o novo governador de Alagoas

Teotônio Vilela, uma das principais lideranças nacionais da luta pela anistia e pelo fim do regime militar. A oposição também ainda reúne chances de fazer o segundo senador do Estado.

A vitória da coligação PMDB-PC do B-PTB, tanto na capital como no interior, é uma

demonstração de que os alagoanos estão derrubando os tradicionais currais eleitorais e encarando os coronéis, que estavam acostumados a vencer através da fraude e da espingarda", ressalta Eduardo Bomfim, que luta por uma vaga na Constituinte. (da sucursal)

# Vendaval de votos do PMDB no país

## Acirrada disputa e pouco fervor popular em Minas

Em Minas Gerais está se dando uma das disputas mais acirradas para governador nestas eleições. Apurados mais de 70% dos 7,9 milhões de votos, o candidato do PMDB, Newton Cardoso tinha uma ligeira vantagem (2,5%) sobre Itamar Franco, da coligação MDP (PFL, PL, PDT, PCB). Qual quer que seja o vencedor, quem sairá beneficiado deste resultado serão as forças conservadoras. As duas candidaturas não entusiasmaram o eleitorado: basta ver que às vésperas das eleições havia 30% de indecisos e o índice de votos em branco para governador foi de quase 10% (duas vezes mais do que a votação do terceiro colocado, Murilo Badaró, do PDS).

Para se chegar a esse quadro, houve uma certa reacomodação das forças políticas. Itamar Franco, um antigo opositor do regime militar, saiu do PMDB para se candidatar pelo minúsculo PL com apoio de seus antigos inimigos. No MDP juntaram-se figuras da Velha República que em 1982 estavam juntas no PDS para tentar derrotar Tancredo Neves ao governo do Estado, como Aureliano Chaves, o ex-governador Francelino Pereira e Eliseu Resende, candidato derrotado dos militares ao governo de Minas em 1982. Também uma pequena dissidência do PMDB apoiou Itamar Franco.

A tentativa do governador Hélio Garcia de tirar do bolso do colete o seu candidato a governador falhou. Na convenção venceu Newton Cardoso, utilizando método da compra dos votos dos convencionais semelhantes ao de Paulo Maluf. Meio a contragosto Garcia acabou apoiando Cardoso. Diante deste quadro o PC do B optou por não apoiar nenhum candidato a governador do Estado.

Independente de quem ganhe as eleições para governador, nas eleições para o Senado e Câmara dos Deputados o PMDB sairá vencedor. As duas cadeiras do Senado deverão ficar com Ronan Tito e Alfredo Campos, ambos do PMDB. Para a Constituinte o PMDB estava com 34 deputados eleitos, a coligação MDP 11; PDS e PT três cada um.

## PDS perde em todos municípios de Mato Grosso

"Ninguém salvaria essa eleição", desabafou desolado o ex-governador de Mato Grosso, Júlio Campos, ex-PDS, hoje no PFL, um dos últimos malufistas no poder, diante do resultado das urnas em seu Estado. E acrescentou: "Mato Grosso não escapou do vendaval do PMDB que atravessou o país de leste a oeste. Perdemos a eleição em todos os municípios, e de goleada".

Na quarta-feira, dia 19, o candidato da coligação PMDB, PC do B, PSB, PSC, Carlos Bezerra, tinha a vitória praticamente assegurada com 53% dos votos. Frederico Campos, da coligação PDS, PFL, PL, PTB, PMB não tinha mais do que 26% da votação. Nem com os milhões de cruzados que despejou nesta campanha impediu a fragorosa derrota da reação. Júlio Campos confessa: "Só Deus sabe o quanto sofremos, o quanto gastamos nesta campanha, mas não tinha mesmo jeito".

## Na Paraíba, uma goleada contra os Gadelha

As eleições de 15 de novembro provocaram, na Paraíba, o "desmantelamento total da estrutura do PDS/PFL, que mostrou não ter mais condições de se impor ao povo pela sua liderança porque perdeu todo o respeito", conforme afirmou o virtual governador da Paraíba, Tarcísio Buriti, do PMDB. Ele deve ficar com mais de 50% dos votos, enquanto Marcondes Gadelha teve um desempenho sofrível, recebendo pouco mais de 30%. O que é facilmente explicável: Marcondes Gadelha, membro de uma família oligarca, já ostentou o título de autêntico ex-MDB. No governo Figueiredo, porém, bandeou-se para o PDS e agora saiu candidato pela coligação PDS/PFL. Representou as forças de direita, por isto perdeu feio. O pleito, na Paraíba como em todo o país, mostra que o povo quer mudanças.

## Campeão de votos é Cafeteira, do PMDB do Maranhão

Na terra do presidente Sarney a maior derrotada foi a UDR, uma entidade dos latifundiários, que jogou tudo no candidato do PDS, João Castelo, apoiado camufladamente pelo governador João Rocha. O candidato da Aliança Democrática (PMDB, PFL, PTB, PC do B e PCB), Epitácio Cafeteira, teve a maior porcentagem de votos nas eleições para governador: 80%. Seu concorrente do PDS alcançou os magros 16% dos votos.

A receita para esta expressiva vitória num dos feudos do latifúndio foi a unidade alcançada no Estado das forças democráticas e a bandeira das mudanças sociais levantadas por Cafeteiras respaldada no apoio do presidente Sarney. O novo governador afirma que sua principal meta de governo será "mudar o Maranhão e pagar a dívida social que o Estado tem para com as classes pobres".

## Votos em branco supera votação de Passarinho no PA

A apuração das eleições no Pará era uma das mais atrasadas do país, mas os resultados iniciais mostravam que o candidato Hélio Gueiros, do Movimento Democrático Paraense (PMDB, PTB, PDS, PC do B, PCB) ganhava com folga de seu oponente Carlos Levy, do PMB. O fato curioso é a eleição de Jarbas Passarinho para o Senado, único senador eleito pelo PDS em todo o país. Isto foi possível devido a aliança deste partido com o PMDB no Estado, o que causou repúdio das forças democráticas, particularmente do PC do B. Esta aliança espúria não foi bem aceita pelo eleitor. Os votos em branco para o Senado superou a votação individual de todos os candidatos ao Senado e mesmo das legendas.

## As urnas mostram que bases tinham razão no RS

"Estavam certos os militantes de base do PMDB". Desta forma o governador eleito do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, referiu-se à hipótese da aliança, afinal não concluída, com Nélson Marchesan, do PDS, inicialmente desejada pelo próprio Simon.

Com efeito, as eleições comprovaram - e fartamente - que as bases peemedebistas, desde os primeiros momentos intransigentes contra a coligação com o PDS, tinham razão. Marchesan acabou unindo-se ao PDT, que lançou Aldo Pinto ao governo estadual. Ambos mente, derrotados. Profundamente, é justo que se diga.

A eleição do candidato pedessista ao Senado era considerada fava contada. Mas quem ficará com as duas vagas será o PMDB, ou mais precisamente José Fogaça e José Paulo Bisol. Os partidos de Marchesan e de Brizola certamente verão suas representações na Câmara Federal baixar, de 14 para 6 no caso do PDS e de 7 para quatro no caso do PDT; na Assembléia Legislativa também haverá baixas, reduzindo as bancadas de 16 para 11 e de 14 para 9, respectivamente. A vontade do eleitorado - mudancista e de repúdio ao conservadorismo, à direita e ao populismo demagogo - é nítida e talvez sirva de lição até mesmo para o brizolismo, ultimamente uma mescla de discurso falsamente esquerdista e prática de aliança com os setores mais retrógrads da sociedade.

## Fracassam os Franco, vitória do povo em SE

Ao contrário do que ocorreu em quase todos os outros Estados do país, em Sergipe o PMDB levou a pior nas eleições para governador. Porém, engana-se quem pensa que isto indica uma vitória dos conservadores. O candidato que representava as forças democráticas no Estado será vitorioso. É Antônio Valadares, do PFL, que contou com apoio do Partido Comunista do Brasil e das correntes mais consequentes e progressistas do PMDB, como o prefeito de Aracaju, Jackson Barreto. Valadares deve ficar com 40% dos votos.

O PMDB amarga a derrota precisamente porque aliou-se ao que há de mais conservador e reacionário em Sergipe, a família dos Franco. Uma atitude oportunista e que não foi perdoada pelo povo. O pleito evidencia que os eleitores votaram pela mudança e esta passa, no momento, pela liquidação do domínio da família oligarca, cujo patriarca, o deputado Augusto Franco, presenciará um verdadeiro desastre eleitoral. Ele estava acostumado a contar há anos com maioria dos representantes sergipanos na Câmara Federal e Assembléia Legislativa. O declínio político dos Franco - que possuem o maior poder econômico do Estado - teve início nas eleições de 1985 para a capital.

## Também em SC os conservadores foram derrotados

Também em Santa Catarina estava garantida a eleição do candidato do PMDB ao governo estadual, Pedro Ivo. O candidato do PFL, Wilson Kleinubing, representante das forças conservadoras, estava com uma votação bem inferior ao que esperava, com cerca de 24% dos votos contra 40% do peemedebista. Uma derrota insofismável da oligarquia dos Bornhausen, que domina o Estado há décadas. Mas também sobrou para o PDT de Brizola. O senador Jaison Barreto, a maior expressão pedetista em Santa Catarina, sequer conseguiu se eleger deputado federal.

## As alianças de Alencar Furtado repudiadas no PR

No Paraná, a vitória, tranquila, do candidato do PMDB ao governo do Estado, Alvaro Dias, com quase 60% dos votos, expressa a intenção do eleitorado de derrotar as forças conservadoras e reacionárias, consolidar a democracia e dar continuidade ao processo de mudanças em curso no país. E mostra mais. Alencar Furtado perdeu mesmo a cabeça e atoleu-se em um pantanal. Ao sair candidato pela coligação PMB-PDS-PDT, tendo como vice o brizolista Jayme Lerner, entrou pela contramão num caminho frontalmente contrário aos interesses populares. Sua votação, inexpressiva, inferior a 20%, evidencia o repúdio do eleitorado às alianças espúrias que assumiu.

## Marcelo Miranda é eleito o novo governador de MS

O novo governador de Mato Grosso do Sul é o senador Marcelo Miranda, candidato do PMDB, que obteve 56% dos votos, contra os 26% dados a seu adversário, Lúdio Coelho, do PTB/PDS. Marcelo Miranda, que já foi governador de 1979 a 80, se elegeu prometendo dar prioridade à educação e saúde. Uma de suas metas é dar condições de estudo para as mais de cem mil crianças que estão fora das salas de aula e também reduzir a mortalidade infantil.

## Jerônimo Santana obteve 51% dos votos em Rondônia

Na primeira eleição direta para governador de Rondônia, o candidato do PMDB, Jerônimo Santana, sagrou-se vencedor, com 51% dos votos, contra os 30% de seu mais próximo concorrente, Jacob Atallah, do PDT. O candidato das forças mais direitistas, da coligação PFL-PDS, senador Odacir Soares, sofreu uma esmagadora derrota, ficando em terceiro lugar.

## Candidato do PMDB derrota aliança PDT/PDS no Acre

No Acre o PDT se aliou com o PDS e PFL, mas seu candidato, o senador Mário Maia, não conseguiu emplacar nas eleições para governador. Flaviano Melo (da coligação PMDB, PTB, PC do B, PCB) saiu-se vitorioso com cerca de 48% dos votos. Melo, um dos mais jovens candidatos a governador do país, 37 anos, angariou grande popularidade durante sua gestão como prefeito da capital, Rio Branco, entre 1983 e 1985, dando atenção às reivindicações da população dos bairros de periferia.

## O RESULTADO DAS URNAS

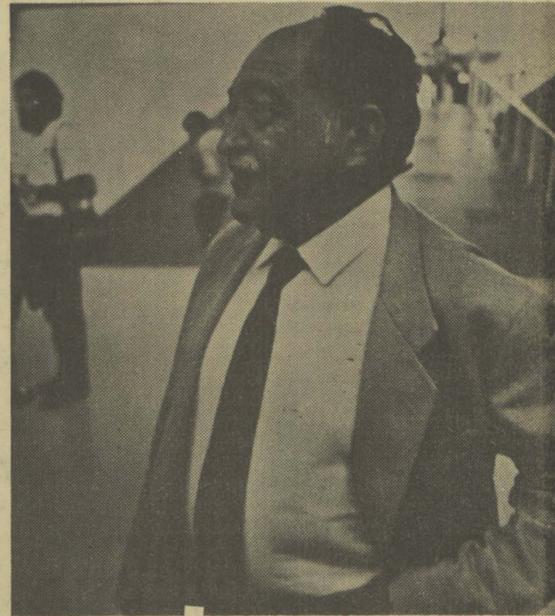
## Frente Popular vence usineiro em Pernambuco

Ao encerrarmos esta edição desenhava-se em Pernambuco uma estrondosa vitória da Frente Popular, conduzindo Miguel Arraes ao governo estadual com uma vantagem de mais de 400 mil votos e elegendo os dois senadores, Mansueto Lavor e Antônio Farias. Vinte e dois anos depois, voltam ao poder as forças democráticas golpeadas em abril de 1964.

O clima de vitória que se manifesta em toda parte, na capital e no interior, é a extensão do que já se via às vésperas do pleito. Na sexta-feira, dia 14, o candidato do PFL, José Múcio Monteiro, fora literalmente impedido de realizar uma caminhada pelas ruas centrais de Recife, enxotado pela multidão que agitava cartazes aos gritos de "Arraes, Arraes"; "fora usineiros", e "um, dois, três, quatro, cinco mil, Arraes vai voltar pela porta que saiu".

A radicalização política foi a tônica da campanha. O ex-prefeito do Recife, Joaquim Francisco, candidato a deputado federal mais votado pelo PFL, reconheceu publicamente que a condição de usineiro do senhor Múcio Monteiro lhe foi muito prejudicial, diante da insatisfação do povo.

Em debate na TV, Arraes havia denunciado o favorecimento a um grupo de seis usinas por parte do Bandede, o banco de desenvolvimento estadual, na gestão do governador Roberto Magalhães, acentuando mais ainda o sentimento de revolta que os pernambucanos tem alimentado historicamente contra o principal segmento das classes dominantes locais. Já na fase final, os governistas combinaram os ataques pessoais e as calúnias com a tentativa de caracterizar supostos acordos de Arraes com os comunistas. Um deputado do PFL levou à TV uma imagem do deputado esta-



Arraes conseguiu dividir os reacionários

dual Luciano Siqueira, apoiado pelo PC do B, onde se via o símbolo daquele partido. Ao mesmo tempo, apareceram milhares de panfletos com a foto de José Múcio ao lado de Frei Damião, religioso conservador cultuado pelo povo humilde do Nordeste.

## COMPOSIÇÃO AMPLA

A vitória de Arraes e da Frente Popular é acachapante. O PFL vence apenas nos grotões mais longínquos do sertão, redutos dos velhos coronéis. Mesmo aí se verificou uma divisão de forças que permitiu neutralizar a influência eleitoral desses setores. Num Estado de economia atrasada, em que as classes dominantes são pouco diferenciadas e umbilicalmente ligadas à máquina do Estado, dividi-las não é fácil. A tendência mudancista do eleitorado é que desarticulou as forças conservadoras. Em Salgueiro, a cerca de 500 quilômetros de Recife, onde uma multidão de mais de 15 mil sertanejos se reuniu para aclamar

Arraes, Dona Maria José de Lima, comerciante ambulante comentava: "Ele vai ganhar, porque estou vendo muita gente ali no palanque que era do lado de lá..."

De fato a composição da Frente Popular de Pernambuco é muito ampla. O próprio senador eleito, Antônio Farias, foi presidente nacional do PDS. Mas na campanha ficou nítida a pregação progressista do candidato a governador e dos candidatos aos cargos proporcionais. E a mobilização de massas populares foi o método dominante da campanha.

À semelhança do restante do país, grande parte do eleitorado votou em branco para deputado federal e estadual. Há municípios que chegam a revelar até 70% de votos brancos. Isto impede que se faça um prognóstico mais seguro quanto à composição das bancadas federal e estadual, embora se espere a eleição de parcela razoável de candidatos progressistas. (da sucursal)

## Capixabas votam no avanço e na renovação parlamentar

A eleição de Max Mauro, da coligação liderada pelo PMDB, ao governo do Espírito Santo, com mais de 150 mil votos à frente de Elcio Álvares, do PFL, adquire um significado muito maior que a simples continuidade do governo do PMDB, iniciado em 1982 com a vitória de Gérson Camata. Ele sempre esteve ligado à corrente mais progressista do partido.

As forças democráticas, além de elegerem Max Mauro e seu vice - o também peemedebista histórico Carlos Alberto Cunha -, deram a Gérson Camata uma das maiores votações a senador do Brasil; sua mulher, Rita, foi a deputada federal mais votada. Os capixabas ainda podem reeleger - era o mais provável, no momento em que encerrávamos esta edição - o senador João Calmon, barrando a entrada de Camilo Cola no Senado. O PC do B lançou João Mar-

tins candidato a deputado estadual, e há grandes possibilidades de vitória para a legenda.

## DIREITA DERROTADA

A derrotada de Elcio Álvares, do PFL, entra a pretensão das forças conservadoras e reacionárias em readquirirem o poder político no Estado. Elcio foi apoiado pelos latifundiários da UDR, pelos exportadores de café, muito poderosos no Estado - que é hoje o maior produtor do país -, e por outros setores exploradores. Mas o poder econômico também investiu no PMDB, na figura de Camilo Cola, o todo poderoso dono da Viação Itapemirim, candidato ao Senado.

Só que não se esperava que o senador João Calmon, apoiado pelo PC do B, PDC e PSC, pudesse ser, na sublegenda do PMDB, o mais votado. E estava derrotando Camilo Cola. Aliás, a campanha de Max Mauro só deslançou de vez quando o eleitorado sentiu

que podia votar em Max e Camata, sem votar em Camilo Cola, como a propaganda deste último insistia em afirmar. Quando surgiu a possibilidade de João Calmon se eleger, a campanha de Max Mauro decolou.

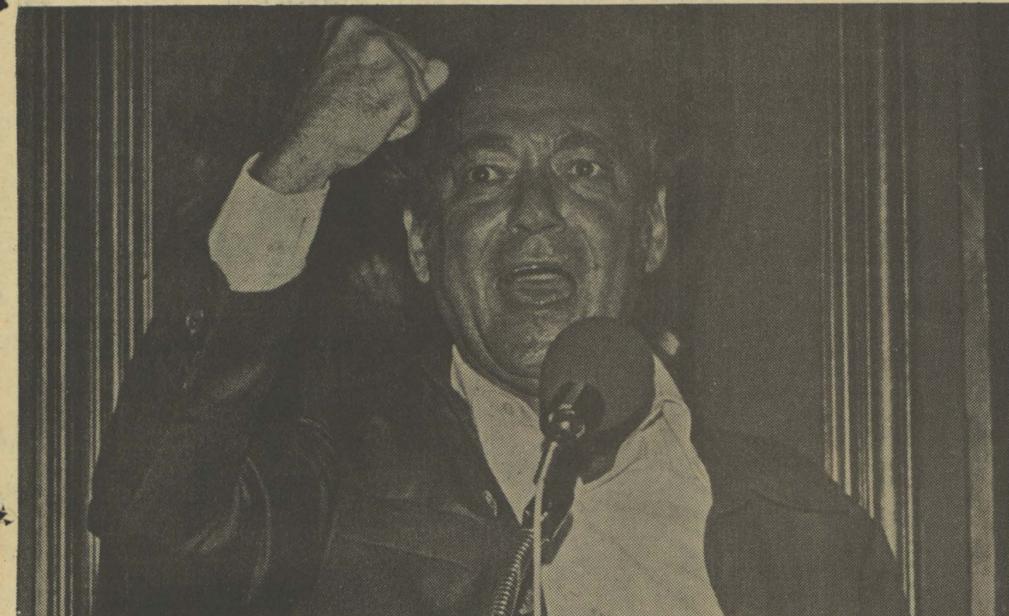
Já eleito, ele reafirmou que pretende governar com todas as forças que o apoiaram nessa campanha e que pretende honrar os compromissos assumidos durante o processo eleitoral, de fazer um governo democrático e de participação popular. Max deverá ter maioria na Assembleia Legislativa e, entre os deputados constituintes, contará com seis ou sete deputados, numa bancada de dez. Isso além de contar com três senadores: José Ignácio Ferreira, eleito em 1982; Gérson Camata e João Calmon, eleitos agora.

## PRESENÇA COMUNISTA

João Martins, candidato do PC do B, ainda não tinha assegurado sua eleição até o fechamento desta edição, mas estava bem próximo disso. O partido sente-se recompensado, já que os candidatos que apoiou estão tendo votações expressivas - já com a vitória garantida de Max e Rita Camata. Além disso, militantes e quadros comunistas prestaram eficiente e combativa assessoria à campanha de Max Mauro ao governo, ajudando, seguramente, a melhorar o performance da coligação do PMDB como um todo. Max Mauro, falando como governador eleito, comprometeu-se a discutir seu plano de governo com os setores organizados da população. (da sucursal)



Max Mauro e Camata  
CDM  
Centro de Documentação e Informação  
Fundação do Espírito Santo



A candidatura Waldir Pires derrotou a oligarquia que reinava há mais de 20 anos na Bahia

## 'Toninho Malvadeza' perde e entra em desespero na Bahia

As forças democráticas e progressistas obtiveram uma histórica vitória na sucessão estadual da Bahia. O candidato Waldir Pires (PMDB), ex-consultor geral da República no governo João Goulart, ex-exilado político e ex-ministro da Previdência Social, derrotou fragorosamente as forças reacionárias, chefiadas pelo ministro Antônio Carlos Magalhães.

Mesmo sem o resultado oficial das urnas, já se prevê que Waldir Pires ficará com mais de 800 mil votos na frente do candidato das oligarquias e da reação baiana, Josaphat Marinho. Nas ruas de Salvador e no interior, o povo inicia o carnaval para comemorar a grande vitória.

Este resultado eleitoral de-

monstra o espírito de mudança que tomou conta da população em todo o país. Também evidencia a falência da tática antidemocrática e anti-comunista utilizada por tantos anos pela oligarquia decadente. Além da vitória de Waldir Pires e dos candidatos ao Senado pela coligação "A Bahia vai mudar" (Rui

Barcelar e Jutahy Magalhães), também os comunistas vêm obtendo expressiva votação para a Constituinte e para a Assembleia Legislativa.

## BAIXO NÍVEL

As forças reacionárias da Bahia, lideradas pelo ministro Antônio Carlos Magalhães, utilizaram-se de uma tática complexa e suja para vencer as eleições. A campanha se caracterizou por três fases, todas desmascaradas nas urnas. Num primeiro momento, o candidato de "Toninho Malvadeza" tentou se passar como democrata e progressista, limpando a imagem de representante das forças de direita.

Posteriormente, as forças reacionárias exploraram o passado de setores políticos baianos que se aliaram a Waldir Pires, mas que antes fizeram parte do esquema do regime militar, como o senador Luís Viana Filho e Jutahy Magalhães. Como essas iniciativas não deram certo, no final os reacionários baixaram o nível da campanha eleitoral. Através de panfletos anônimos e mesmo pela TV, acusaram Waldir Pires de comunista.

Todo este arsenal antidemocrático e anti-comunista não surtiu resultado, o que levou os apoiadores de Josaphat Marinho ao desespero, não faltando cenas de truculência e ameaças. No próprio dia 15, no Clube de Tênis de Salvador, o ministro Antônio Carlos Magalhães chegou a agredir física e moralmente o repórter Antônio Fraga, da TV Itapoã. O ministro perdeu a compostura e, numa entrevista direta à televisão, chamou o jornalista de filho da p...

Essa atitude desesperada desencadeou um movimento pela destituição de ACM do Ministério das Comunicações, que após a apuração final das eleições deverá tomar um caráter de massas.

Na apuração também ocorreram cenas de violência pelos partidários do PFL. No dia 18 um fiscal do PMDB, José Matos, foi morto a tiros no município de Boquira, a 600 quilômetros de Salvador. O atentado, promovido por três pistoleiros, visava tirar a vida do ex-superintendente da Cobal na Bahia, Francisco Alexandria, que durante a campanha fez graves denúncias contra o ministro Antônio Carlos Magalhães. (da sucursal)

Haroldo Lima quer ACM fora do ministério

## 'Desmantelar o carlismo'

Em meio às apurações dos votos, o deputado Haroldo Lima, líder do PC do B na Câmara Federal, fez à Tribuna Operária um rápido balanço da vitória na sucessão estadual. Para ele, "essa vitória foi contra o sistema de corrupção, contra a mentira e a fraude, contra a campanha anti-comunista que caracterizou a campanha governista principalmente em sua fase final. Foi a vitória da idéia da mudança. Uma exigência do povo baiano, que mostrou que o reacionarismo não tem vez".

Analisando os resultados eleitorais, Haroldo diz que "verificou-se uma grande avalanche de votos em branco. Isso decorreu da coincidência da eleição de governador com a dos constituintes e da polarização excessiva da campanha do

candidato majoritário. Chegou-se a divulgar uma música pregando o voto 'somente em Waldir'. Isto prejudicou os proporcionais".

Por último, o deputado comunista observa que vai surgindo no meio popular e político uma grande expectativa de fazer com que a vitória estadual se reflita ao nível da composição ministerial. "O que mais se discute agora é o afastamento de ACM do Ministério das Comunicações", afirma. Para ele, "oficializada a vitória, a expectativa do povo é de que Waldir Pires desmantele a máquina estatal há muitos anos estruturada por Antônio Carlos Magalhães. Todos os cargos de confiança devem ser alterados e o 'carlismo' deve deixar de existir na máquina de Estado".

## Goiás derrota a UDR

Também Goiás registrou uma potente vitória das forças democráticas e progressistas no pleito de 15 de novembro. Henrique Santillo, o candidato do PMDB, venceu o candidato do chamado "consórcio das oligarquias", Mário Borges.

## VIOLÊNCIA E DINHEIRO

Pela primeira vez a oligarquia dos Caiado - que floresceu na ditadura militar e é integrada por Ronaldo Caiado, o presidente da fascista União Democrática Ruralista, UDR - uniu-se à oligarquia dos Ludovico, visando garantir a vitória de Mauro Borges. A estratégia dos oligarcas era dividir os democratas - através de Borges, que foi eleito senador pelo PMDB, mas que trocou de partido para melhor servir aos poderosos. Queriam, assim, retornar o domínio do Estado, que

perderam com a eleição de Iris Resende, em 1982. Mas não deu certo. Ao encerrarmos esta edição, Santillo estava a mais de 100 mil votos à frente de Borges.

O "consórcio das oligarquias" valeu-se de tudo para bombardear a campanha dos democratas. Fundou um "Movimento Democrático Goiano" e partiu para a difamação e a mais abjeta propaganda anti-comunista em seus programas de rádio e tevê. Foi escandaloso. Jornalistas foram agredidos fisicamente. O mesmo aconteceu com militantes comunistas. Os milionários esbanjaram rios de dinheiro na vã tentativa de impedir o avanço democrático no Estado. Um dos candidatos reacionários ao Senado, Moisés Abrão, contratou, só na cidade de Goiânia, 10.500 cabos eleitorais para atuarem no dia 15. Nesse dia, um panfleto foi distribuído a população apresentando Santillo

como um comunista. Os provocadores assinaram o texto com o nome do Partido Comunista do Brasil, mas a direção do PC do B no Estado logo denunciou a trama e desautorizou a utilização do nome de sua legenda nessa ação torpe.

Irã Saraiva, o candidato a senador do PMDB apoiado pelo PC do B, já havia conquistado a sua eleição. Mas um dos representantes das oligarquias, Irapuã Costa Júnior, também garantiu uma vaga no Senado.

Para a Câmara Federal, o PMDB deve eleger 12, dos 17 deputados goianos. Na Assembleia Legislativa, 30, das 41 cadeiras, ficam com o PMDB - uma, com Edmundo Galvão, apoiado pelo PC do B. O resultado do pleito está sendo considerado como o enterro das oligarquias no Estado.

# O poder econômico na eleição

A campanha eleitoral encerrada no dia 15 de novembro bateu um recorde. Foi a mais cara da história do país. Em todos os cantos, ficou patente a pressão avassaladora do poder econômico. Estima-se que alguns candidatos a governador, nos Estados mais populosos, gastaram algo em torno de 1 bilhão de cruzados.

As informações sobre a quantidade de dinheiro movimentada durante a campanha são em geral precárias e não primam pela precisão, mesmo porque o grosso das transações neste campo ocorrem por meio de processos obscuros e os atores envolvidos preferem atuar nos bastidores.

Apesar disso, não é difícil formar uma idéia razoavelmente clara a respeito. Em São Paulo, por exemplo, somente o grupo Votorantim, de Antônio Ermírio de Moraes, candidato derrotado do PTB ao governo, gastou Cz\$ 50 milhões para veicular suas propagandas na televisão.

## Somas enormes foram gastas

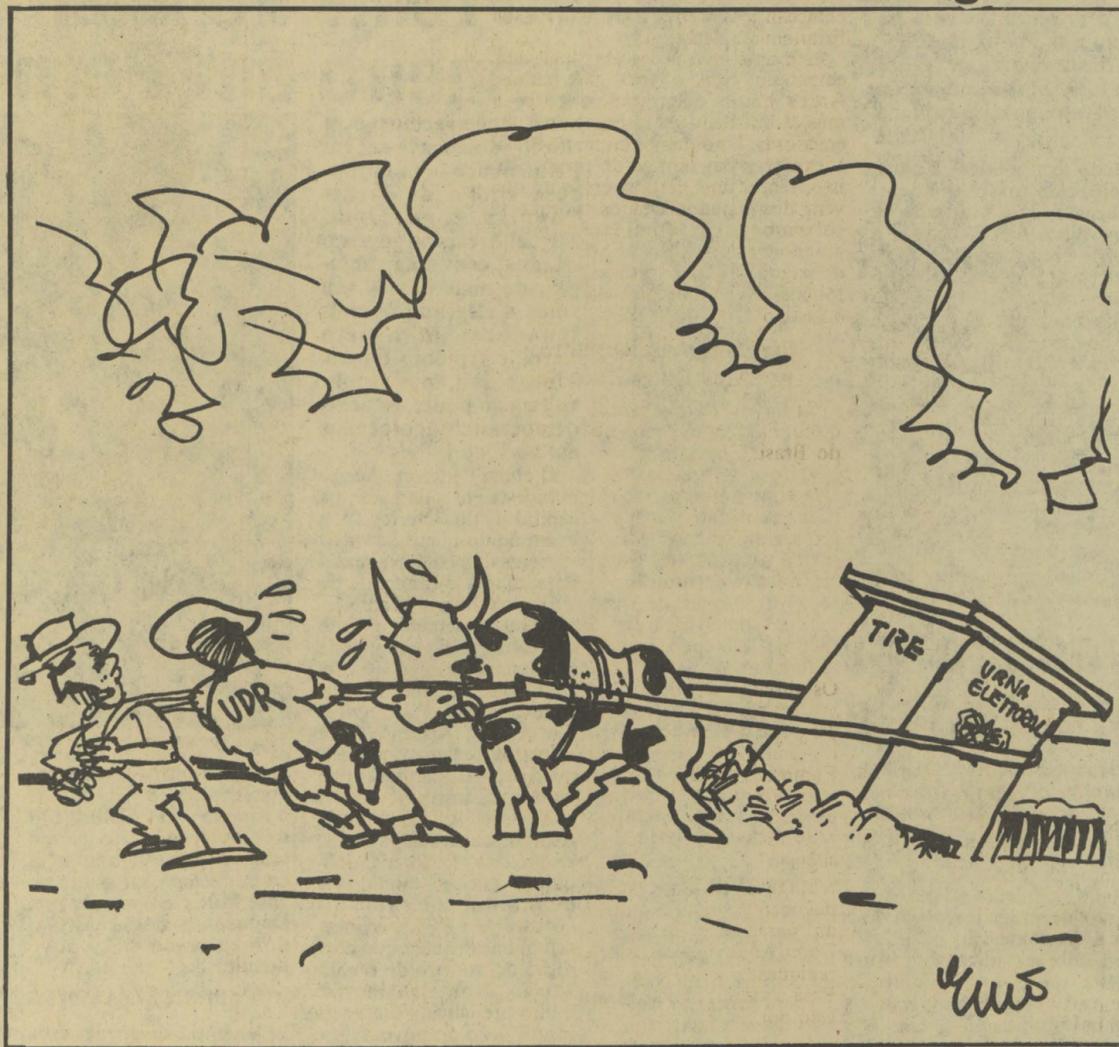
Antônio Ermírio também contratou circos, cantores populares e, entre muitas outras coisas, usou suas empresas para a compra de centenas de milhares de camisetas amplamente utilizadas na campanha. "Eu vi uma compra de 400 mil camisetas sair com nota fiscal em nome da Votorantim, mas eles estão usando também a Companhia Brasileira de Alumínio e a Atlas", garantiu um político paulista. Foi instalado no período, conforme os empresários, um grande mercado paralelo, com o fornecimento de mercadorias sem nota fiscal ou subfaturadas. "Lucram todos", disse um comerciante, "pois o candidato não paga IPI e ICM; as empresas não pagam Imposto de Renda".

O candidato do PMDB ao governo de Minas Gerais, Newton Cardoso, "ganhou centenas de veículos Uni e Fiorino da Fiat Automóveis para sua campanha. Com os dizeres "Governador 15-Newton-PMDB-vice Júnia Marise" nas cores preto e vermelho, os carros foram entregues sem demora, apesar do protesto dos motoristas de táxis, com vários pedidos sem atendimento há meses. Um detalhe é que o governo estadual de Minas possui 18% das ações da Fiat.

O banqueiro carioca Ronald Cesar Coelho, em campanha para a Constituinte, teve gastos comprovados superiores a 10 milhões de dólares (ou o equivalente, no câmbio oficial, a cerca de 140 milhões de cruzados), conforme cálculos do PMDB. No PFL do Rio, alguns candidatos pediram a investigação dos gastos do ex-ministro Francisco Dornelles, também astronômicos.

Os candidatos do PDS paulista, Fábio Meireles, a senadora, e Elizeu Santos, a deputado federal, chegaram a financiar peças de teatro com os devidos anúncios de suas campanhas. E José Roberto Capuano, dono de uma empresa de administração e locação de imóveis, testemunhou que "político paga sempre muito bem. Há pouco tempo, um cliente me alugou por Cz\$ 200 mil uma casa que vale, no máximo, Cz\$ 80 mil, para fazer um comitê eleitoral".

Um verdadeiro exército de cabos-eleitorais, recrutados - a maioria - entre os desempregados de plantão, foi mobilizado, e a preços relativamente altos. O candidato do PDS ao governo de São Paulo, Paulo Maluf, estava oferecendo seis salários mínimos para quem trabalhasse durante os últimos 15 dias de campanha. Uma cabo-eleitoral de Samir Achôa, deputado federal do PMDB, comentava na boca-de-urna que o candidato havia lhe prometido "um automóvel zero quilômetros depois de eleito".



Esses fatos não permitem senão uma impressão pálida do enorme peso do poder econômico nessas eleições. Evidenciam, de qualquer forma, que a campanha foi transformada, em certa medida, num grande leilão. A eficiência na captura dos votos é buscada, antes de tudo, através da disponibilidade de recursos para comprar e corromper consciências.

Em alguns casos, o comércio de votos foi realizado às escâncaras, desavergonhadamente. Em Pernambuco, por exemplo, a Rede Globo de Televisão flagrou um cupincha do candidato do PFL ao governo, José Múcio, comprando votos de centenas de populares, por Cz\$ 50 a Cz\$ 100 cada. Também naquele Estado, José Múcio (que, aliás, votou em uma usina da propriedade de sua família) patrocinou um acordo com o líder do PDT, Francisco Julião, no qual constava promessa de que os latifundiários doariam 50 mil hectares de terra aos camponeses para efeito de uma reforma agrária "pacífica e conciliadora".

Em São Paulo, um dos comitês da chamada União Popular, do senhor Paulo Maluf, chegou ao cúmulo de informar que estava doando 500 mil residências, cadastrou centenas de pessoas que acorrem ao local, ao mesmo tempo em que "explicava" aos afoitos que o "contrato" só seria cumprido caso Maluf fosse eleito governador. "A promessa está registrada em cartório da capital", dizia com indistigável cinismo um dos promotores da façanha.

A tal nível chegaram as coisas que um proprietário de uma dessas empresas de marketing político assegurou, com absoluta convicção, que para eleger um deputado à Constituinte "não há a menor necessidade de que o candidato tenha propostas. Basta ter um bom e grande esquema de propaganda, com camisetas, chaveiros, carteiros etc. É preciso apenas tornar a cara do fulano conhecida, vendável, temos pesquisas que comprovam isto".

## Investimento contra o povo

Cabe analisar, agora, quem financia e a quem interessa esses gastos. Não é necessário muito esforço para concluir que a demanda de tanto dinheiro só pode ser suprida pelos que dispõem desses recursos. Isto é o óbvio, que algumas notícias publicadas pelos jornais durante a campanha deste

ano comprovam largamente.

Tome-se o comportamento do ex-ministro do governo Figueiredo, Delfim Netto, candidato a deputado federal pelo PDS. Ele formou uma gorda "caixinha" para financiar a si próprio e a 30 outros candidatos à Constituinte em todo país. Além dos seus próprios recursos (foi o terceiro candidato mais rico de São Paulo, perdendo apenas para Antônio Ermírio e Paulo Maluf), arrecadou uma soma expressiva junto a grandes empresários. Um desses, de São Paulo, comentou: "Delfim é a melhor máquina arrecadadora do país e seu método é simples. Ele liga e fixa o valor da contribuição. Todo mundo concorda".

Na campanha de Antônio Ermírio ficou evidenciada a "ajuda" da grande burguesia paulista, certamente com milhões de cruzados. A maioria dos empresários ligados à Fiesp não escondem seu apoio entusiástico ao poderoso industrial.

Ostensivos, também, foram os leilões de bois promovidos pela famigerada União Democrática Ruralista - a UDR - entidade que os latifundiários criaram com o objetivo explícito de financiar seus candidatos à Assembleia Nacional Constituinte. Várias entidades patronais não fizeram segredo da formação de caixas milionárias destinadas ao mesmo fim.

As empresas de turismo vinculadas à Associação Brasileira dos Agentes de Viagem (ABAV) usaram suas estruturas para apoiar em São Paulo pelo menos quatro candidatos a deputado estadual, três a federal e três ao Senado, de diferentes legendas, como o peemedebista Caio Pompeu de Toledo. As revendedoras de veículos, segundo José Carlos Gomes de Carvalho, presidente da Associação Brasileira dos Revendedores de Veículos (Abrav), formou nessas eleições, um grupo de cinquenta candidatos do próprio setor à Constituinte. Camilo Cola, proprietário da Itapemirim, candidato ao Senado pelo PMDB capixaba, contou com recursos de empresas como a Shell, Pirelli e outras.

Essa pressão do poder econômico não ficará limitada à campanha eleitoral. Terá prosseguimento, por diversos meios, nos trabalhos da Assembleia Constituinte. Os comerciantes e industriais, por exemplo, organizados em 1.500 associações em todo o país, já preparam seu lobby no Con-

gresso. Conforme informações de Amaury Temporal, presidente da Confederação das Associações Comerciais do Brasil, eles pretendem manter 1.030 pessoas permanentemente mobilizadas em Brasília para pressionar os parlamentares.

A Fiesp, por sua vez, formou à parte toda uma estratégia - que inclui uma central de computadores em São Paulo e Brasília e profissionais do lobby - para respaldar as posições da grande burguesia paulista. A UDR também já armou todo um esquema para atuar na Constituinte. Em Minas, os latifundiários articularam uma "frente ampla" reunindo empresários do campo e da cidade para defender seus interesses reacionários no parlamento.

E os exemplos da intervenção do poder econômico poderiam ser multiplicados. Eles mostram que o sistema de representatividade parlamentar no capitalismo é inegavelmente viciado e a cada eleição torna-se mais degenerado pelo dinheiro, tanto no processo quanto no resultado do pleito. Não é de se estranhar que as massas populares encarem com reservas e suspeitas o parlamento burguês e, em geral, identifiquem a atividade política com a corrupção e a malandragem de gravata.

## Burguesia cobra o que aplicou

É fácil ver, ainda, que trata-se de um campo de batalha largamente favorável às classes dominantes, possuidoras. Com efeito, como esperar que um operário ou mesmo um assalariado de classe média dispute em condições de igualdade com um político burguês (ou financiado pela burguesia) cujos recursos lhe permite realizar campanhas milionárias, com uma propaganda gigantesca, contratação de cabos-eleitorais, compra de espaços publicitários na imprensa etc?

Porém, ainda que em condições infinitamente desvantajosas, os operários e os demais trabalhadores não devem abandonar este campo de luta aos políticos e partidos burgueses.

O pleito coloca em evidência o caráter de classe da luta política, e a posição, idéias e propostas das diferentes (e contraditórias) forças sociais mobilizadas em torno desta batalha. A experiência das classes dominantes neste terreno é secular. Mas seu movimento, em particular quando está em jogo a Assembleia Constituinte, é esclarecedor, e merece ser

profundamente avaliado pelo povo.

A burguesia não participa da eleição ou financia seus políticos simplesmente por aventura ou filantropia. Ela cobra e recupera com juros os recursos que aplica, exigindo de seus protegidos a observância e defesa fidedel dos interesses do capital e do latifúndio. No caso específico da Constituinte, ela lutará para preservar seus privilégios, manter intocada a estrutura fundiária, elevar as taxas de lucro, assegurar os interesses imperialistas no país e evitar a introdução de princípios que beneficiem os trabalhadores como pleno direito de greve, estabilidade no emprego, jornada de 40 horas semanais e outros.

É isto que os trabalhadores e o povo em geral terão de enfrentar. Evidentemente com suas armas, no caso uma forte mobilização para pressionar a Constituinte em sentido oposto, isto é, para que seja elaborada uma Carta Magna democrática e progressista, em conformidade com os interesses do povo e da nação.

Ao transformar o processo eleitoral em uma jogatina cujo resultado é definido em última análise pelo poder econômico, a burguesia moldou o parlamento como um órgão do seu poder, em geral inacessível aos operários, conseguiu um sistema de representatividade distorcido que é imagem e semelhança do seu próprio regime e onde os interesses de uma minoria dominante sobrepõem-se aos da maioria dominada.

Isto, contudo, não circunscreve a luta política nos estreitos limites que a burguesia quer impor. E também não elimina nem anula a inferioridade numérica das classes dominantes. Quando a maioria manifesta, nas ruas, os seus interesses, a correlação de forças começa a mudar, inclusive no parlamento e particularmente nesta Assembleia Constituinte. É, portanto, dever das entidades e partidos políticos realmente comprometidos com o povo (cuja campanha, paupérrimas do ponto de vista econômico, foram sustentadas pelo trabalho espontâneo de abnegados militantes e amigos) continuar em campanha política, iniciando, desde já, um amplo trabalho de convencimento, conscientização e mobilização da população para a luta contra o lobby do poder econômico e por uma Carta Magna democrática e progressista. (Umberto Martins)

## LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

### A importância da unidade

Apesar dos resultados ainda parciais das eleições, fica comprovado mais uma vez um grande ensinamento para os trabalhadores e para todas as forças democráticas: marchar em unidade é o meio mais seguro para obter a vitória contra a reação.

#### DERROTA DAS OLIGARQUIAS

No Ceará o povo sofre há muito tempo com o domínio dos coronéis. Mas a formação de uma ampla frente política, que vai do PMDB histórico, representado pelo ex-senador Mauro Benevides, aos comunistas, permitiu derrotar a oligarquia dominante, mesmo com os três coronéis unindo suas forças.

Em Pernambuco, também, parecia muito difícil tirar os usineiros do palácio do governo. Foi necessário costurar uma unidade que inclui mesmo correntes até recentemente comprometidas com o PDS, até os comunistas, para garantir a vitória de Miguel Arraes.

Na Bahia ocorreu um movimento semelhante e a mesma coisa foi se repetindo em Alagoas, na Paraíba e outros Estados. Em São Paulo, enquanto não se conseguiu um procedimento ofensivo, de propostas mudancistas claras, que permitisse a unificação das forças democráticas, a situação pendeu para Antônio Ermírio e até para Maluf.

Em Minas as forças democráticas se dividiram e o resultado é que em qualquer das duas hipóteses viáveis, a democracia sai arranhada.

#### OS COMUNISTAS

Em relação ao PC do B em particular, as coisas são ainda mais evidentes. Onde os comunistas saíram em coligação com outras forças ou, analisando o quadro político, candidataram-se em outras legendas democráticas, os resultados são favoráveis.

O exemplo mais rico talvez seja o da Bahia. Os comunistas batalharam para que se formasse uma chapa majoritária mais avançada durante o período de escolha dos candidatos. Mas ao mesmo tempo tiveram enorme preocupação em não ficarem isolados, fora do curso político. E empenharam-se para formar uma ampla coligação de forças contra a oligarquia encabeçada por Antônio Carlos Magalhães. O resultado da campanha aponta para a eleição de dois deputados constituintes pelo PC do B neste Estado.

No Rio de Janeiro, Alagoas, Minas Gerais, Goiás e outros Estados também a lição da unidade se manifesta com muita força. Os comunistas souberam, ao mesmo tempo que agiam em comum com outras correntes democráticas, manter a independência e amarrar os votos para os seus próprios candidatos. Mantiveram a unidade sem se colocar a rédea.

#### A OPINIÃO DE LÊNIN

Lênin é enfático ao assinalar a necessidade das alianças. Em sua obra "Esquerdismo, doença infantil do comunismo", ele disse: "Só se pode vencer um inimigo mais forte retesando e utilizando todas as forças e aproveitando obrigatoriamente com o maior cuidado, minúcia, prudência e habilidade a menor brecha entre os inimigos, toda contradição de interesses entre a burguesia dos diferentes países, entre os diferentes grupos ou categorias da burguesia dentro de cada país; também é necessário aproveitar as menores possibilidades de conseguir um aliado de massas, mesmo que temporário, vacilante, instável, pouco seguro, condicional. Quem não compreende isto não compreende nenhuma palavra de marxismo nem de socialismo científico, contemporâneo, em geral".

Este grande pensamento de Lênin tem imensa atualidade e, em particular, na Constituinte, precisa ser aplicado com toda atenção. (Rogério Lustosa).

## DE OLHO NO LANCE

### Estréia perigosa

Afanásio Jazadji teve a sua primeira decepção como expoente da direita e partidário de Paulo Maluf. No ginásio do Anhembi, onde se realizam as apurações dos votos, o defensor da violência policial se envolveu num conflito e foi cercado por umas três mil pessoas que revoltadas o chamavam de "fascista", "safado" e outros nomes pouco elogiosos. Sua campanha foi agressiva e, durante certo período, foi ponta de lança nos programas gratuitos de TV. Ao que tudo indica ele conseguiu votos da direita e de certas áreas da periferia pouco politizadas, que acreditam na segurança na base da brutalidade policial. Mas por outro lado, conquistou também a antipatia das forças democráticas e das massas.

Afanásio teve que sair do ginásio num carro da Rota, protegido por um forte esquema da PM. Antes que pudesse comemorar a vitória nas urnas, sofreu a sua primeira derrota política. E talvez a primeira grande surpresa. Arrogante, o novo deputado talvez pensasse em grande consagração pública quando fosse reconhecido. Mas vai ter que se acostumar. O povo ansia por mudanças e por democracia e já está cansado de anos de reacionarismo. Afanásio começou na política pelo lado errado.

# Beth, feliz como num pagode

Não podia ser de outro modo: o pagode foi o principal assunto da entrevista coletiva de Beth Carvalho ao lançar, em São Paulo, o seu 15º LP, "Beth". Mas a cantora também falou sobre Constituinte (a entrevista ocorreu enquanto eram apurados os votos, no dia 17) e sobre a unidade da América Latina - uma das novidades de seu disco é uma música cantada juntamente com a argentina Mercedes Sosa.

"Arte popular do nosso chão. É o povo quem produz o show e assina a direção", diz um dos sambas cantados por Beth em seu mais recente disco. E a cantora identifica-se com a frase. Diz mesmo que ela é a "síntese dos meus 21 anos de luta pela música brasileira. Acredito que o atual sucesso do pagode é a consagração de tudo que cantei. O compositor popular e o sambista que voltaram para o fundo de quintal e fizeram a sua guerrilha, e estão vencendo".

A intérprete não consegue esconder seu entusiasmo com o sucesso do pagode: "O renascimento do pagode tem um marco, em 1977, quando conheci o bloco carnavalesco Cacique de Ramos - ele foi a 'Sierra Maestra' do pagode", afirma, referindo-se à serra cubana que abrigava os revolucionários que lutavam contra a ditadura de Fulgêncio Batista nos anos 50.

"Pois é. O Cacique pra mim foi uma espécie de síntese de todas as lutas em favor da nossa música tão injuriada", prossegue Beth. "Era tudo muito surpreendente. O acervo de sambas inéditos era um negócio além da imaginação. Bonitos demais, muito elaborados musicalmente, mas sem perder o pé no chão, a força do terreiro. Eu realmente mergulhei de cabeça, acreditei, levei o Cacique para o estúdio", afirma.

De fato, ainda em meados dos anos 70 era lançado o disco "Beth no pagode", onde a cantora inclusive explicava que "pagode é um apelido do samba. Não é um gênero musical, mas uma reunião de sambistas em volta da mesa, sem microfone, onde se come, se bebe, se canta todo tipo de samba. Pagode é a expressão que se usa para falar do samba".

## Presença de Mercedes Sosa é destaque no novo disco

Hoje o pagode está presente nas emissoras de rádio e televisão. "Acho que o renascimento do pagode tem relação com o talento, com a perseverança do povo brasileiro - que tem raça e garra - diante de uma vida de 20 anos de repressão (eu alio o lado político,

Beth no estúdio, durante a gravação de seu 15º elepê, agora com latinidade

porque em tudo tem política). Eu tive uma participação nisso também. Outros sambistas, como Martinho da Vila e Alcione, ajudaram. E acho que o governo do Rio de Janeiro ajudou, ao dar espaço para o sambista. Acho importante ressaltar que o pique do pagode se dá com o aparecimento de muita gente boa, que há anos vem trabalhando, como o Zeca Pagodinho, o Luiz Carlos da Vila, a Jovelina, o Pedrinho da Flor, o Grupo Fundo de Quintal... São pessoas verdadeiras".

Beth destaca em seu novo trabalho - faz parte da "espinha dorsal do disco", como ela afirmou - a gravação de "Eu só peço a Deus", do argentino Leon Gieco e versão de Raul Ellwanger, gravado em parceria com Mercedes Sosa: "Há muito eu tinha vontade de colocar coisas da América Latina no meu trabalho. Afinal, lutamos contra o mesmo inimigo... Mercedes Sosa é o maior símbolo vivo da resistência latino-americana, e eu soube que ela inclui alguma coisa do meu repertório em suas apresentações fora do Brasil (canções do Nelson Cavquinho, do Cartola). E a música da América do Sul sempre me atraiu muito. Acontece que meu trabalho dentro do samba não dava margem para eu abordar também isso. São tantos os ritmos diferentes - samba de roda, de quadra, samba canção -, e eu carreguei a bandeira do samba, da cultura popular. Tomou muito da minha vida, embora eu não tenha deixado de fazer o jongo, a música sertaneja... Neste ano gravei também um forró. 'Eu quero é mais'..."

"O que eu queria e quero é sempre registrar coisas que me comovam, que tenham a ver com a minha maneira de pensar e sentir, musicalmente e textualmente. Quero sempre continuar me engajando, me envolvendo, gravando as pessoas de talento. Eu adoro fazer essas coisas. De repente, eu gravei Zeca Pagodinho e agora ele é o 'Rei do Brasil'... O que é muito importante aproveitar a chance de ser uma artista conhecida que vende discos, para puxar para cima, ajudar quem não tem a mesma oportunidade. Zeca Pagodinho tocando em tudo quanto é rádio é um negócio maravilhoso, é o Brasil

começando a aceitar o seu jeito e a sua fisionomia", declarou.

Beth acha que o pagode "hoje está empatado com o rock nas rádios. Antes havia discrepância entre a música brasileira e a internacional nas emissoras. E nós temos muito no Brasil a explorar em termos de ritmo. Por isso, tenho uma certa aversão ao que vem dos Estados Unidos, porque já sofremos uma dominação muito grande em nosso país. Então, a volta do pagode é uma vitória popular. Não foi possível abafar. Arreventou a boca do balão".

## Dizer não ao racismo na nova Constituição

Beth retorna ao assunto do novo disco. Fala então da música "Nas veias do Brasil", de Luiz Carlos da Vila, e cantarola um trecho: "O samba corre nas veias dessa pátria mãe gentil. É preciso a atitude de assumir a negritude pra ser muito mais Brasil". E emenda com a Constituinte: "Nós precisamos, na nova Constituição, dizer não a todas as formas de racismo. Seja o racismo da África do Sul, seja o racismo que todo mundo nega, mas tudo mundo sabe que existe no Brasil. Os direitos do índio, do negro, da mulher precisam estar na Constituinte. Nós fizemos um show para a causa indígena recentemente em Brasília. Fomos eu, o Chico Buarque, o Carlinhos Vergueiro, o Carlos Lira. Muita gente. Um show fortíssimo, bellissimo. Mas foi pouco falado. Cercado pelo silêncio".

Logo o assunto está de novo no pagode: "É um tipo de música que não dá para você escrever a partitura. Como é que você vai colocar no papel o repique de mão? Tem que ter amor. Para garantir o samba, eu mato um leão por dia".

E a artista reafirma seus compromissos com as lutas e a vida dos brasileiros. Salienta também a irmandade com os povos vizinhos: "Eu acho importante enaltecer o sentimento de latinidade. Acredito numa América Latina unida contra a exploração econômica e os atentados à nossa liberdade e autodeterminação. Nós, da América Latina, temos que nos unir, pois lutamos contra o mesmo inimigo. Nós, brasileiros, temos a sorte de ser a síntese de todas as raças. Por isso somos fortes". E arremata: "Temos que assumir a nossa raça mestiça, a nossa brasilidade. A nossa latinidade". (Carlos Pompe)



### Coisa de pele

Jorge Aragão / Acyr Marques

- Podemos sorrir
- Nada mais nos impede
- Não dá pra fugir
- Dessa coisa de pele
- Sentida por nós
- Desatando os nós
- Sabemos agora
- Nem tudo que é bom vem de fora
- É a nossa canção
- Pelas ruas e bares
- Que nos traz a razão
- Relembrando palmares
- Foi bom insistir
- Compor e ouvir
- Resiste quem pode
- A força dos nossos pagodes
- E o samba se faz
- Prisioneiro pacato dos nossos tan-tans
- Um banjo liberta
- Da garganta do povo as suas emoções
- Alimentando muito mais
- A cabeça de um compositor
- Eterno reduto de paz
- Nascente das várias feições do amor
- Arte popular do nosso chão
- É o povo quem produz o show e assina a direção

## Obras marxistas-leninistas

<b>MARX E ENGELS</b>	
Ideologia alemã .....	35,00
Obras escolhidas em 3 volumes (cada volume) .....	90,00
Manifesto do Partido Comunista .....	12,00
A Comuna de Paris .....	20,00
Escritos Militares .....	53,00
Sobre a religião .....	90,00
<b>MARX</b>	
Origem do Capital .....	35,00
Salário, preço e lucro .....	15,00
Trabalho assalariado e capital .....	12,00
<b>ENGELS</b>	
Dialética da natureza .....	51,00
Anti-Dühring .....	52,00
Do socialismo utópico ao socialismo científico .....	19,00
A situação da classe trabalhadora na Inglaterra .....	130,00
<b>ENVER HOXHA</b>	
A luta contra o revisionismo soviético .....	25,00
O eurocomunismo é anticomunismo .....	20,00
<b>JOÃO AMAZONAS</b>	
O revisionismo chinês de Mao Tsetung .....	10,00
Socialismo, ideal da classe operária .....	20,00
Trotskismo, corrente política contra-revolucionária ..	2,00

Pedidos com o envio de cheque nominal no valor da compra para a Editora Anita Garibaldi, Av. Brig. Luís Antônio, 1.511, CEP 01317, São Paulo, fone 251-2729.



## Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOBR. Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira. Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangeli.

**ACRE** - Rio Branco: Edifício Felício Abrahão 2º andar sala 32 - CEP 69000.

**ALAGOAS** - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobreloja, CEP 57000. Maceió: Rua Cincinnati Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.

**AMAZONAS** - Manaus: Rua Simom Bolivar, 231, (ant. Praça da Saúde) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone: 237-6644 - CEP 69000.

**BAHIA** - Camacari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800.

**FEIRA DE SANTANA** - Av. Senhor dos Passos, nº 1399 - 2º andar - sala 1415 - CEP 44100.

**ITABUNA** - Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar sala 1 - Centro - CEP 45600.

**ITAPETINGA** - Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro - Juazeiro: Rua Américo Alves, 6-A - CEP 44060.

**PARATINGA** - Rua Marechal Deodoro, 30 - Centro - CEP 47500. Salvador: Rua Conselheiro Junqueira Ayres, 41 - Barris - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimesf) - CEP 43700.

**DISTRITO FEDERAL** - Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302.

**CEARA** - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000. Iguaçu: Rua Floriano Peixoto, 408 - 2º andar - CEP 63500. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.

**ESPÍRITO SANTO** - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000.

**GOIÁS** - Goiânia: Rua 3, Nº 380, casa 6 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua 14 de Julho, 821 - Centro - CEP 77100.

**MARANHÃO** - São Luís: Rua do Egito, 76 - Centro - CEP 65000.

**MATO GROSSO** - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000.

**MATO GROSSO DO SUL** - Campo Grande: Rua Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.

**MINAS GERAIS** - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000.

**PARÁ** - Belém: Rua Manoel Barata, 903 - CEP 66000.

**PARAIBA** - João Pessoa: Praça 1817, nº 116, 2º andar - Centro - CEP 58000.

**CAMPINA GRANDE** - Praça da Bandeira, 117, 1º andar - Centro - CEP 58100.

**PARANÁ** - Curitiba: Rua Comendador Fontana, 88, Fone: 253-7961, CEP 80000.

**LONDRINA** - Rua Sergipe, 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100.

**PIAUI** - Teresina: Rua Desembargador Freitas, 1.459 - Fone: 222.2044 - CEP 64.000.

**PERNAMBUCO** - Cabo: Rua Vignão Batista, 236, CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua do Sossogo, 221, Boa Vista - CEP 50000.

**RIO GRANDE DO NORTE** - Natal: Av. Deodoro, 776 - Cidade Alta - R.N. CEP 59000.

**RIO GRANDE DO SUL** - Bento Gonçalves: Rua Dr. Casagrande, 58 - CEP 95700. Canoas: Rua Tiradentes, 130 - sala 405 - CEP 92010. Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 2048 - CEP 95100. Pelotas: Rua Voluntários da Pátria, 1966 - CEP 96015. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 20 aberto depois das 18 horas e aos sábados das 9 às 12 horas. Santa Maria: Rua Dr. Bozano, 1147, sala 410 - Centro - CEP 97100. Rio Grande: Rua Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200. Ijuí: Rua 15 de Novembro, Edifício Nelson I uches, s. 23, 2º andar.

**RIO DE JANEIRO** - Rio de Janeiro: Rua 1º de Março, 8 - 2º andar - Fone: 252-9935 - CEP 20000. Niterói: Av. Amarel Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Travessa Renato Pedrosa, 33, sala 319 - CEP 26000.

**SANTA CATARINA** - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000.

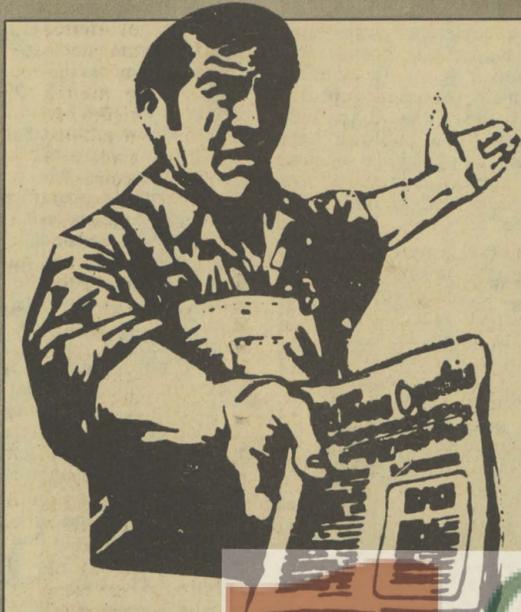
**SÃO PAULO** - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saravia, 448, fone: 2-6345 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: Rua Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12200.

**SERGIPE** - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Oviedo Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.

**SÃO PAULO** - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saravia, 448, fone: 2-6345 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: Rua Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12200.

**SERGIPE** - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Oviedo Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.

**A TRIBUNA OPERÁRIA** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-Up e Fotolito, Litaria Fotolitos Ltda. Fone: 35 9738. Impressão: Cia. Jorjor. Fone: 815-4099 - São Paulo - S.P.



Faça cinco assinaturas da Tribuna Operária e ganhe uma de brinde! Colabore para o fortalecimento da imprensa operária.

## Tribuna Operária

Semanário Nacional.

Faça já sua assinatura e ajude a imprensa operária que luta pela liberdade e pelo socialismo.

- Anual (52 edições)  Cz\$ 260,00
- Anual popular (52 edições)  Cz\$ 130,00
- Semestral (26 edições)  Cz\$ 130,00
- Semestral popular (26 edições)  Cz\$ 65,00
- Anual para o exterior (dólares)  US\$ 70

Nome: .....

Endereço: .....

Bairro: .....

Cidade: ..... CEP: .....

Estado: .....

Profissão: .....

Data: .....

Recorte este cupom e envie junto com cheque nominal à Editora Anita Garibaldi, Lt., Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - S. Paulo. CEP: 01318

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

# O Rio vai mudar!

## Moreira ganhou e o PC do B brilhou no 3º colégio eleitoral

O desempenho das forças democráticas e dos comunistas no Rio de Janeiro superou todas as expectativas.

Em vez de uma vitória apertada, e até mesmo de uma derrota, o candidato da Aliança Popular Democrática, Moreira Franco, deu um autêntico "banho" no candidato do PDT, Darcy Ribeiro. As últimas projeções davam a Moreira uma vantagem superior a 10%. Já o desempenho dos comunistas foi apontado por toda a imprensa como o maior fenômeno das eleições no Rio.

A candidata Jandira Feghali foi campeã de votos na Assembléia Legislativa. O operário metalúrgico Edmilson Valentim foi um dos constituintes mais votados da coligação PMDB/PC do B.

O grande desempenho de Moreira Franco surpreendeu até mesmo os integrantes da Aliança Popular Democrática, que não esperavam uma vantagem tão folgada.

Moreira confirmou plenamente sua expectativa de votos nas zonas sul e norte da cidade do Rio e no interior do Estado, obtendo em algumas regiões uma vantagem de 3 para 1 em relação ao candidato do PDT. Nas áreas mais pobres da cidade e na Baixada Fluminense a votação de Darcy ficou muito aquém do que era propalado anteriormente pelo governador Leonel Brizola. O candidato do PMDB venceu até mesmo em antigos "redutos" brizolistas como a região de Leopoldina, na cidade do Rio, e a cidade de Duque de Caxias.

Estes resultados mostram que não "colou" a armação do governador Leonel Brizola que tentou caracterizar Darcy como "o candidato dos pobres" e Moreira como "candidato dos ricos". As urnas revelam, ainda, o repúdio da população fluminense à posição de Brizola contra o congelamento dos preços e sua aliança com a direita para desestabilizar o governo da Nova República.

### O PDT de Brizola teve uma derrota amarga: nem pôde eleger senadores

A derrota do PDT é ainda mais amarga pois não conseguiu sequer ocupar uma das duas vagas em disputa para o Senado. O senador mais votado foi Nelson Carneiro, do PMDB. E a soma das legendas do PFL superou a votação do primeiro candidato do PDT, Marcelo Alencar, garantindo a segunda vaga para o candidato Afonso Arinos, do PFL.

Para a Assembléia Legislativa e para a Constituinte, a grande sensação foi o desempenho dos comunistas. A candidata do PC do B, Jandira Feghali, ocupou desde o início da apuração o primeiro lugar entre os mais votados para a Assembléia Legislativa. As últimas projeções indicavam que ela deveria obter de 110 mil a 120 mil votos. Sua votação foi maciça em todas as regiões do Grande Rio, caindo um pouco apenas no interior. Para se ter uma idéia basta dizer que apenas dois candidatos à Constituinte no Rio tiveram uma votação superior à obtida pela candidata do PC do B para deputada estadual.

Outro fenômeno foi a votação obtida pelo candidato operário do PC do B à



Constituinte. As últimas projeções indicavam uma votação de 50 mil votos para Edmilson Valentim, o que o coloca como o quinto mais votado da coligação PMDB/PC do B. A votação do candidato comunista tem uma nítida marca classista, aumentando proporcionalmente nas regiões operárias. O significado político desta vitória é ainda maior por se tratar de um candidato operário, negro, com apenas 23 anos de idade.

### O PC do B foi um fenômeno nas eleições para os proporcionais

Além do PDT, outro grande derrotado na eleição do Rio foi o PCB. Além de não eleger ninguém, seu desempenho nas urnas foi simplesmente vergonhoso. Os votos de seus 40 candidatos a deputado estadual juntos mal somam um terço da votação alcançada pela única candidata do PC do B. A votação total dos 22 candidatos a deputado federal pela legenda, incluindo nomes de "peso" como ex-deputado federal Modesto da Silveira e o ator de televisão Stepan Nercessian, fica bem abaixo da obtida pelo candidato operário do PC do B. O candidato a senador do PCB, Hércules Correia, foi dos últimos colocados, com apenas 1% dos votos.

### O Rio de Janeiro terá uma boa bancada para a Constituinte

Outro que saiu chamuscado das urnas foi o PT. Apesar da fanfarrada feita pela grande imprensa em torno de seu candidato a governador, Fernando Gabeira acabou mesmo com apenas 7 a 8% dos votos no Rio.

Esta votação está concentrada nas regiões de classe média, principalmente na alta classe média da zona sul da cidade. E mesmo aqui quem deu a tônica à campanha do Gabeira foi o Partido Verde (ainda sem registro legal). Isto se reflete na votação dos candidatos proporcionais, onde os mais votados são justamente os "verdes" List Vieira, para federal, e Carlos Min para estadual.

No global dos candidatos a deputado federal e estadual o que emerge das urnas é uma bancada nitidamente mais progressista no Rio, especialmente no que se refere à Constituinte.



O candidato da Aliança Popular e Democrática venceu; Jandira e Edmilson do PC do B fizeram sucesso

### Um fenômeno eleitoral

Jandira Feghali, a candidata estadual mais votada do Rio de Janeiro, tem 29 anos. Médica, trabalha no Hospital Bonsucesso, do Inamps. A imprensa local e mesmo nacional procurou transformá-la num símbolo sexual, a "musa do verão carioca". Nada podia deixar Jandira mais indignada: "Isso ocorre - disse ela - devido ao papel que a mulher ainda ocupa na sociedade. Ou é objeto de cama e mesa ou objeto sexual, sempre sem cabeça, incompetente. Procuraram me transformar num objeto sexual para atenuar a vitória do PC do Brasil. Tentaram me descaracterizar como militante, me apresentando apenas como uma mulher bonita.

"Para essa gente - prossegue ela - eu tenho uma resposta: acho que mostrei que a militante comunista é igual a qualquer mulher, pode ser feminina, pode ser bonita. Mas é militante do PC do B, mesmo que isso desagrade os setores que querem apresentar as militantes comunistas como seres assexuados. Agora de tanto eu insistir nisso, os jornais começam a ouvir o que eu digo. É o caso de um jornal, que publicou uma entrevista comigo com o seguinte título "Jandira quer juntar a força da mulher com a garra da militante".

#### MULHER E MILITANTE

E quem conhece Jandira não pode mesmo esquecer sua capacidade de luta. Desde 1978, ainda como estudante, ela participou dos movimentos estudantis em sua escola. "Foi assim - conta - que entrei em contato com os militantes do PC do B. E o que me chamou atenção foi a coerência entre as propostas e a prática política".

"Conheci a Tribuna Operária o nº 32, quando ainda era quinzenal. Através do jornal e do contato com os militantes do partido fui conhecendo a linha política, estratégica e tática que o PC do B defendia. A bandeira que acabou me ganhando foi a da Constituinte. Ingressei no partido em 1981, quando já era presidente

da Amererj" (Associação dos Médicos Residentes do Rio de Janeiro). Depois disso ela participou da greve dos professores e funcionários das universidades autárquicas, e foi uma das dirigentes da greve nacional dos residentes, em 1984, quando presidente da Associação Nacional dos Médicos Residentes.

#### CAMPANHA AMPLA

Ela atribui a vitória à credibilidade que o partido conquistou no mar de candidaturas no Rio de Janeiro, apresentando as propostas de forma clara e ampla, conquistando apoio em diversos setores. Praticamente não existe urna no Rio de Janeiro que não tenha um voto dela e de Edmilson. "Acompanhamos durante a propaganda todos os acontecimentos em curso no Rio e nos pronunciamos sobre eles. Foi o caso, por exemplo, da greve nacional dos previdenciários e a dos metalúrgicos aqui no Estado, quando denunciávamos a repressão na CSN. O povo queria mudanças e nós mostramos que isso era possível com as nossas propostas.

"Tivemos um apoio muito amplo. Desde o começo entendemos que se o povo não apoiasse nossas propostas não seríamos eleitos. Então procuramos todos os setores. No meu caso, concentrando nos setores de saúde e cultural, e também das mulheres. Conquistei o apoio de Maitê Proença. O marido dela até fez boca de urna para nós. Carlos Lyra, Ricardo Feghali, Lauro Goes e outros artistas também apoiaram minha candidatura.

"Estivemos nos bairros populares, fomos até a área rural. E nosso voto foi bem disseminado. Mas nos bairros populares minha dobradinha com o Edmilson deu mais certo. Na Zona Sul eu obtive mais votos. Também houve uma votação considerável para a legenda do partido. Em resumo, acho que passamos nossas propostas criticando o governo estadual e apoiando, mas com independência, o governo federal. O povo nos abordava na rua e dizia: "Você está dizendo o que a gente gostaria de dizer!"

### O "Neguinho" do PC do B

Edmilson Valentim, 23 anos, é negro e trabalha como metalúrgico na Sulzer do Brasil. Nascido em São João do Meriti, uma cidade dormitório de operários, ele é de origem pobre. O pai, ex-lavrador em Ilhéus, na Bahia, sobrevive como contínuo. A mãe, auxiliar de enfermagem, está "encostada" por problemas de saúde.

Radiante com o desempenho de seu partido nas eleições, Edmilson considera que ele se deve a quatro aspectos: 1 - as propostas do partido que batem com as reivindicações populares; 2 - a forma com que estas propostas foram levadas à população, com um linguajar simples e claro, com dados concretos; 3 - ao trabalho nas portas de fábrica e aos "arrastões" nos bairros populares e operários; e finalmente à flexibilidade dos temas abordados na televisão, acompanhando de perto os acontecimentos.

"Quanto às propostas do partido - disse ele - nos concentramos nas questões da soberania nacional, reforma agrária e defesa do congelamento dos preços. Sempre, na TV, em 'tomadas' ao ar livre, demonstrando na prática o que queríamos demonstrar. Quando falamos do abate dos bois, por exemplo, fomos a uma fazenda, mostrar que tinha boi gordo. Quando falamos da soberania nacional foi precisamente quando o presidente dos EUA, Ronald Reagan, nos deu um ultimatum para pagamento da dívida. E assim por diante.

"Ainda quanto ao programa na TV - prossegue Edmilson - usamos a vinheta do partido, os dots bonequinhos simbolizando a aliança operário-camponesa que fez o maior sucesso por aqui. E o programa abria com um jingle que dizia: PC do B.

é de luta, é legal, soberania nacional. Isso também 'pegou'".

"Nosso programa fez tanto sucesso que até militantes de outras forças, como PT, o PCB e o PDT decidiram votar nos candidatos proporcionais do PC do B..."

Edmilson tem uma história de luta. Entrou no PC do Bem 1983 quando o partido liderava na escola que ele frequentava à noite um movimento contra o aumento das mensalidades. Daí por diante vem se destacando na defesa dos interesses dos trabalhadores.

#### CAMPANHA AMPLA

E não foi uma campanha fácil: "Enfrentamos grandes grupos econômicos, parlamentares com dinheiro e grande tradição política. E tudo isso com uma campanha pobre. Acho que por isso tivemos muita receptividade e aceitação. Fui muitas vezes abordado como o 'neguinho do PC do B' pelo fato de ser negro".

"Apesar da pobreza, nossa campanha foi reconhecida como a melhor por diversas forças políticas. E se a grande imprensa não nos apoiava ou jogava na Jandira como se ela não fosse comunista um grupo de jornalistas fez um jantar de confraternização conosco.

"Também recebemos o apoio de artistas como Carlos Lyra, Alcione, Ricardo Petaglia, Ricardo Feghali (do conjunto Roupa Nova). Foi uma campanha ampla, simples e que acompanhou os acontecimentos em curso no Rio e no país. Um grupo de garçons da Joni, na Barra da Tijuca, que não podia fiscalizar fez uma "vaquinha" e nos enviou água e comida durante a apuração. Mais um exemplo do apoio popular que tivemos."